

ANDRESSA KALINE LUNA DE OLIVEIRA MARQUES

**CONCORDAR OU NÃO
CONCORDAR:
UM OLHAR SOCIOLINGUÍSTICO
SOBRE O FALAR MACEIOENSE**



**CONCORDAR OU NÃO CONCORDAR:
UM OLHAR SOCIOLINGUÍSTICO
SOBRE O FALAR MACEIOENSE**

Andressa Kaline Luna de Oliveira
Marques

**CONCORDAR OU NÃO CONCORDAR:
UM OLHAR SOCIOLINGUÍSTICO
SOBRE O FALAR MACEIOENSE**



Palmeira dos Índios – AL
2025

GRUPO DE PESQUISAS EM HISTÓRIA INDÍGENA DE ALAGOAS

Coordenador: José Adelson Lopes Peixoto.

Endereço: Universidade Estadual de Alagoas (UNEAL), Campus III, Rodovia Eduardo Alves da Silva, km 3, CEP: 55.600-000, Graciliano Ramos, Palmeira dos Índios-AL.

Contatos: Tel: (82) 3421-5678. E-mail: gphial@uneal.edu.br. Site: www.gphial-uneal.com.br

COMISSÃO EDITORIAL

Presidentes: Adauto Santos da Rocha; José Adelson Lopes Peixoto.

Titulares: Adauto Santos da Rocha; Brunemberg da Silva Soares; Vinícius Alves de Mendonça.

Editores executivos: Adauto Santos da Rocha; Brunemberg da Silva Soares; Vinícius Alves de Mendonça.

Direção editorial: Adauto Santos da Rocha; José Adelson Lopes Peixoto.

Diagramação: Ezequiel Pedro Farias Cajueiro; Geovana Correia de Oliveira; Williane Antônia Soares dos Santos.

Capa: Williane Antônia Soares dos Santos.

Design gráfico: Vinícius Alves de Mendonça.

Revisão de diagramação: Adauto Santos da Rocha.

Secretaria: Williane Antônia Soares dos Santos.

CONSELHO CIENTÍFICO

Alexandre Ferraz Herbetta (UFG)

Cristiano Cézar Gomes da Silva (UNEAL)

Edson Hely Silva (UFPE/UFRPE)

Francisca Maria Neta (UNEAL)

Gilberto Geraldo Ferreira (SEE/AL)

Iraci Nobre da Silva (UNEAL)

João M. Braga de Mendonça (UFPB)

Karina M. Ribeiro da Silva e Melo (UPE)

Lucas Gama Lima (UFS)

Maria da Penha da Silva (UFPE)

Ricardo José Lima Bezerra (UPE)

Rubens Pessoa de Barros (UNEAL)

Samara Cavalcanti da Silva (UNEAL)

Silóe Soares de Amorim (UFAL)

Suzana Santos Libardi (UFAL)

Zuleica D. Pereira Campos (UNICAP)

Observação: todos os conteúdos (textuais e imagéticos), bem como os usos ortográficos publicados neste livro, são de inteira responsabilidade do autor, não cabendo à Editora GPHIAL responder por quaisquer implicações jurídicas.

*Este livro foi avaliado e aprovado às cegas por mais de dois pareceristas *ad hoc*.

**A publicação desta obra foi integralmente financiada com recursos próprios do autor.

Bibliotecária: Elisangela Dias de Carvalho - CRB/4 nº 2072

M357	Marques, Andressa Kaline Luna de Oliveira Concordar ou não concordar: um olhar sociolinguístico sobre o falar maceioense / Andressa Kaline Luna de Oliveira Marques. – Palmeira dos Índios, AL: GPHIAL, 2025. 102 p.
------	--

ISBN digital – 978-65-01-85234-8

1. Palmeira dos Índios. 2. Representação. 3. Identidade.
4. Pertencimento indígena. I. Título.



APRESENTAÇÃO

Considerando que a língua é o reflexo da sociedade que a fala, e que se constrói nas relações sociais e nas práticas comunicativas, sendo sensível às transformações culturais e às particularidades de cada comunidade de fala, desenvolveu-se este livro, pois ao analisar a concordância de número no sintagma nominal na fala de Maceió, buscou-se compreender como o uso linguístico maceioense traduz aspectos da identidade e do pertencimento social dos falantes da capital alagoana.

A pesquisa, baseada na Sociolinguística Variacionista, parte do princípio de que a variação é inerente à língua e de que, ao observarmos o falar de um grupo, observamos também a sua história, seus valores e suas formas de se reconhecer como comunidade. A concordância nominal é tratada aqui não como um desvio da norma, mas como uma manifestação legítima das escolhas que os falantes fazem ao construir sentido. No falar de Maceió, essas escolhas se expressam com singularidade no uso da concordância nominal, conforme o contexto e o perfil social de quem a fala.

A investigação que deu origem a este livro foi realizada com base em amostras de fala de maceioenses de diferentes faixas etárias, níveis de escolaridade e sexos, o que permitiu observar como fatores linguísticos e extralingüísticos se correlacionam na configuração das variantes de concordância. A análise revelou que a língua falada na capital alagoana apresenta padrões próprios, distintos dos observados em outras cidades brasileiras.

Ao comparar os resultados obtidos com os de outras pesquisas desenvolvidas em outras localidades, foi possível perceber que o comportamento da concordância nominal em Maceió segue tendências gerais do português brasileiro, mas conserva características particulares que a distinguem. Essas diferenças constituem um retrato

da diversidade linguística do país e confirmam o valor científico e cultural de estudar a língua em seu contexto.

O percurso de construção desta obra tem início com uma reflexão sobre o tema central e as motivações que conduziram o estudo, delineando as bases teóricas que sustentam a análise da concordância nominal como fenômeno sociolinguístico. Posteriormente, apresenta-se uma descrição detalhada do sintagma nominal e de suas formas de concordância, buscando mostrar como a gramática se realiza no uso linguístico. As discussões teóricas são acompanhadas por um panorama da Sociolinguística Variacionista, que serve como base teórica-metodológica tanto para a metodologia adotada quanto para a leitura dos dados.

A etapa metodológica é desenvolvida de forma a traduzir o rigor e a transparência necessários à pesquisa empírica da língua falada. Posteriormente, os resultados são analisados considerando a correlação dos fatores linguísticos e extralingüísticos que os condicionam, revelando o comportamento da concordância nominal na língua falada em Maceió e suas implicações identitárias.

Realiza-se ainda uma análise comparativa entre os resultados alcançados nesta pesquisa com os alcançados em outros estudos. Por fim, nas considerações finais, o livro retoma as principais conclusões, reafirmando a importância de compreender a variação linguística como elemento essencial da cultura e da identidade de um povo.

SUMÁRIO

Prefácio

Andressa Kaline Luna de Oliveira Marques 9

CAPÍTULO 1: O OBJETO DE ESTUDO 11

1.1 O sintagma nominal e a concordância de número 11
1.2 Concordância nominal: atuação da regra variável 13
1.2.1 Outros estudos sobre a concordância nominal 16

CAPÍTULO 2: A SOCIOLINGUÍSTICA VARIACIONISTA ... 30

2.1 Socialinguísticas 30
2.2 O surgimento da teoria da variação e mudança linguística 33
2.3 Sociolinguística variacionista 36
2.3.1 Aspectos metodológicos 38
2.3.2 Variáveis e variantes 40
2.3.3 Comunidade de fala 46

CAPÍTULO 3: PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS 49

3.1 Hipóteses e objetivos 49
3.2 Descrição das variáveis sociais e linguísticas 51
3.2.1 Variáveis sociais 51
3.2.2 Posição linear 53
3.2.3 Classe gramatical dos elementos no SN 54
3.2.4 Relação da classe gramatical com núcleo 56
3.2.5 Dados não considerados 58
3.3 Constituição da amostra e alguns procedimentos metodológicos 58

CAPÍTULO 4: ANÁLISE DOS DADOS 63

4.1 Resultados iniciais 64
4.1.1 Escolaridade 67
4.1.2 Sexo 70
4.1.3 Faixa etária 73

4.1.4 Posição linear	76
4.1.5 Relação da classe gramatical com núcleo	80
4.2 Análise comparativa	85
CONCLUSÃO	92
Referências	97
Índice Remissivo	102

PREFÁCIO

Cada escolha linguística traz consigo marcas da história, da cultura e da identidade de um povo. Na perspectiva da Sociolinguística, a língua, além de ser um instrumento de comunicação, é um patrimônio simbólico que expressa o modo de viver, de sentir e de pertencer a uma comunidade de fala. Com esse olhar, que percebe a língua como reflexo e meio de pertencimento, desenvolveu-se a Dissertação intitulada *A concordância de número no sintagma nominal: uma análise sociolinguística da língua falada em Maceió* defendida no Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística da Universidade Federal de Alagoas (UFAL), em 2016.

O texto da pesquisa foi revisto, ampliado e adaptado para a publicação, dando origem a este livro que torna mais acessíveis a um público mais amplo as reflexões sociolinguísticas sobre a língua falada na capital alagoana e os sentidos de identidade que emergem dessa variedade linguística. Através da leitura desta obra, o leitor compreenderá que o estudo da concordância nominal na fala de Maceió vai além da descrição de um fenômeno gramatical, pois constitui uma reflexão sobre a identidade linguística dos maceioenses, uma vez que a variação verificada entre os diferentes grupos sociais da capital — em contraste com o uso observado em outras regiões do país — revela que cada comunidade de fala constrói sua própria forma de dizer o mundo.

Embora o presente trabalho não pertença diretamente ao campo do ensino, ele oferece subsídios para a reflexão de professores, linguistas e demais pesquisadores, uma vez que compreender a variação na língua falada em Maceió significa, em última instância, compreender um pouco da diversidade que compõe o português brasileiro — o que serve como ponto de partida para reflexões pedagógicas e para a elaboração de práticas de ensino mais sensíveis à variação linguística.

Portanto, este livro lança luz sobre a língua viva que ecoa nas ruas, nas praias e nos bairros de Maceió, cujas variantes vinculam-se aos diferentes sexos, faixas etárias e níveis de escolaridade. É um convite à escuta da riqueza da nossa variação linguística e da nossa identidade.

Andressa Kaline Luna de Oliveira Marques

CAPÍTULO I

O OBJETO DE ESTUDO

Discorre-se, neste capítulo, sobre a concordância nominal de número destacando suas principais características. Descrevem-se, ainda, de forma sucinta, algumas pesquisas que também elegeram essa variável como objeto de análise. Os resultados desses estudos serão comparados, no capítulo de análise, com os alcançados nesta pesquisa, a fim de verificar se há particularidades na língua falada em Maceió em relação ao uso da marca de plural no SN.

1.1 O sintagma nominal e a concordância de número

A língua portuguesa apresenta mecanismos de flexão de gênero, de número e de pessoa, o que possibilita a adaptação flexional dos vocábulos determinantes às flexões dos vocábulos determinados. A adaptação que ocorre entre o verbo e o sujeito é denominada pela tradição gramatical como concordância verbal, que pode ser de pessoa e de número.

A concordância nominal, por sua vez, consiste na adaptação flexional de gênero e de número e ocorre entre os elementos flexionáveis do SN (as meninas bonitas) ou entre o SN sujeito e o predicado, quando há na construção algum verbo de ligação (as meninas estão bonitas). Este trabalho toma como objeto de análise a concordância nominal de número que ocorre dentro do sintagma nominal.

De acordo com Castilho (2012), o sintagma é uma associação de palavras articuladas em volta de um núcleo, que pode ser preenchido por verbo, substantivo, adjetivo, advérbio ou por preposição. A classe

gramatical da palavra que nucleariza o sintagma classifica-o de maneira que há o sintagma nominal (SN) e o sintagma verbal (SV), ambos bases da oração, e o sintagma adjetival (SAdj), o sintagma adverbial (SAdv) e o sintagma preposicionado (SP). Sobre essa temática, Oliveira (1988, p.14) explica:

O sintagma consiste num conjunto de elementos que constituem uma unidade significativa dentro da oração e que mantêm entre si relações de dependência e de ordem. Organizam-se em torno de um elemento fundamental, denominado núcleo que pode, por si só, constituir o sintagma. Assim, nos sintagmas: Pedro, o policial, a criancinha doente, meu filho, você, o núcleo é um elemento nominal (nome ou pronome) tratando-se, pois, de sintagmas nominais. Já em está diante da vitrine de uma joalheria, deteve vários suspeitos do furto, adormeceu, sonha ansiosamente com o dia de natal e levará a encomenda; o elemento fundamental é o verbo, de modo que se têm, no caso, sintagmas verbais. [...] Na estrutura da oração, em sua forma de base, aparecem como constituintes obrigatórios o Sintagma Nominal (SN) e o Sintagma Verbal (SV)

Este trabalho centra-se no sintagma nominal que possui como núcleo o substantivo e como palavras articuladas a ele adjetivos, quantificadores, possessivos, artigos, demonstrativos e indefinidos que são delimitadas e detalhadas no capítulo Procedimentos Metodológicos.

Vale ressaltar que, embora a adaptação flexional entre os elementos do SN seja apresentada nos compêndios gramaticais como de natureza obrigatória e fixa, neste trabalho (pautado na Sociolinguística Variacionista), entende-se a concordância nominal de número como uma variável que possui como variantes o uso do morfema de plural em todos, em alguns ou apenas no primeiro elemento do SN não

modificando o sentido de pluralidade. De acordo com Camacho (2008, p.185), a ausência de marca de plural, que pode ocorrer no SN, é explicada pelo princípio da economia da língua ou lei do menor esforço, uma vez que

A economia representa uma tendência para o mínimo esforço e simplificação máxima da expressão. A economia sintagmática é a tendência para reduzir o comprimento ou a complexidade do enunciado, de modo que as expressões mais frequentes no uso tendem a reduzir-se fonologicamente e a informação redundante ou recuperável no contexto comunicativo tende a ser omitida.

Considerando esse princípio, entende-se que ao marcar apenas o primeiro elemento do SN, excluem-se as formas redundantes e conserva-se o sentido de pluralidade de todo SN. Scherre (1988) destaca que, além da motivação econômica, o comportamento da concordância nominal no PB deve-se também ao princípio do processamento com paralelismo que impulsiona o falante a marcar a segunda posição do SN quando a primeira é marcada, e marcar a terceira quando a segunda é marcada.

Essa variação na CN mostra-se relacionada ainda a variáveis linguísticas, como posição linear, classe gramatical e posição/classe/relação; e a variáveis extralingüísticas, como escolaridade, sexo e faixa etária, como indicam as pesquisas descritas nas seções a seguir.

1.2 Concordância nominal: atuação da regra variável

A concordância de número no sintagma nominal tem sido objeto de

análise de alguns estudos sociolinguísticos que buscam analisar a correlação dessa variável com grupos de fatores linguísticos, como posição linear no SN e classe gramatical e com grupos de fatores extralingüísticos, como faixa etária e escolaridade.

Nos primeiros estudos sobre esse fenômeno linguístico, como os realizados por Braga e Scherre (1976), Braga (1977) e Scherre (1978), verificou-se que a regra de concordância nominal de número no SN se comporta como sincronicamente variável e se concretiza de diferentes formas com a marca de plural em:

- Todos os elementos do SN
(01) **As bonecas bonitas**
- Em alguns elementos do SN
(02) **As bonecas bonita.**
- Apenas no primeiro elemento do SN
(03) **As boneca bonita**

Nessas pesquisas, verificou-se também que a posição linear que o elemento ocupa no SN correlaciona-se fortemente com o uso do morfema de plural, uma vez que todas elas chegaram à conclusão de que a primeira posição no SN favorece a presença da marca explícita de plural, enquanto que as demais posições desfavorecem-na.

Em 1988, Scherre retoma seus estudos sobre a concordância de número no SN e analisa a fala de dois grupos de falantes do Rio de Janeiro. O primeiro abrange amostras de fala de 48 informantes adultos, e o segundo comporta amostras de fala de 16 crianças. Nessa pesquisa, Scherre (1988) considera uma nova variável, posição/classe/relação,

originada do amálgama de três variáveis: posição linear, classe nuclear e não-nuclear, e a relação entre a classe nuclear e a não-nuclear.

Com a análise dessa variável, a autora constata que as classes não-nucleares antepostas ao núcleo do sintagma são mais marcadas do que as classes nucleares, independente das posições que elas ocupam no sintagma e do que as classes não-nucleares pospostas ao núcleo, ou seja, os determinantes antepostos ao núcleo apresentam mais a marca de plural, logo, o uso da marca na primeira posição do SN não tem como única responsável a posição linear.

Outros estudos Sociolinguistas Variacionistas sobre o mesmo fenômeno linguístico foram realizados em diferentes localidades brasileiras. Alguns deles atentaram, de certo modo, para a proposta de Scherre (1998), de não considerar apenas a variável linguística posição linear para a explicação do uso da marca de plural na primeira posição.

Entre eles, destacam-se alguns que foram realizados a partir dos anos 2000¹: Lopes (2001), que analisa o comportamento linguístico de Salvador (BA); o desenvolvido por Andrade (2003), com dados de informantes de Tubarão (SC) e de São Borja (RS); o de Pinheiro (2012), que toma para análise a língua falada em Belo Horizonte; o realizado por Silva (2014), que analisa como se dá a concordância nominal na fala de paulistanos e alagoanos que residem em São Paulo (SP); o

¹Pretendia-se, a princípio, selecionar Dissertações e Teses de cunho sociolinguista variacionista realizadas a partir de 2010, em capitais brasileiras, porém, após algumas pesquisas realizadas na plataforma lattes (<http://buscatextual.cnpq.br/buscatextual/busca.do>), observou-se que, embora a CN seja objeto de análise de diversos estudos poucos trabalhos, salvo engano, têm tomado como universos de investigação capitais e desses apenas alguns estão disponíveis. Observou-se também que os trabalhos de publicação recente analisam corpus já colhido, entre eles Brandão e Vieira (2012a.), que analisam dados do Projeto Estudo comparado dos padrões de concordância em variedades africanas, brasileiras e europeias, banco de dados construído com amostras colhidas de 2008 a 2010.

desenvolvido por Brandão (2011), que trata da CN em Nova Iguaçu (RJ); e o de Sedrins, Siqueira e Araújo (2015), que analisa a língua falada em três municípios do sertão de Pernambuco: Afogados da Ingazeira, Serra Talhada e Triunfo.

Esses trabalhos abordam para a análise da concordância nominal no SN algumas variáveis linguísticas, como posição linear, classe gramatical e posição/classe/relação; como também consideram variáveis extralingüísticas, como escolaridade, sexo e faixa etária. A seguir, descrevem-se sucintamente alguns pontos tratados nessas pesquisas, a fim de possibilitar uma melhor compreensão dos grupos de fatores linguísticos e extralingüísticos que se correlacionam com o uso da marca de plural.

1.2.1 Outros estudos sobre a concordância nominal

Como mencionado anteriormente, o uso da concordância nominal no falar brasileiro tem se tornado objeto de análise de diversas pesquisas sociolinguísticas variacionistas que buscam analisar como essa variável atrela-se a fatores internos ao sistema linguístico e a fatores sociais. Em Maceió (AL), Salgado et al (2006) analisa esse fenômeno linguístico centrando-se na concordância de número nos predicativos e nos participios passivos contribuindo, com isso, com a ampliação do entendimento sobre a concordância nominal na capital alagoana.

Assim como em Salgado et al (2006), este trabalho vem colaborar no estudo da concordância nominal na língua falada em Maceió, por meio da análise do uso do morfema de plural em sintagmas nominais que possuem como núcleo o substantivo. Além de Maceió, outras cidades brasileiras têm servido como universo de investigação do uso da concordância, entre elas Salvador (BA), Tubarão (SC) e São Borja

(RS), Belo Horizonte (MG), São Paulo (SP), Nova Iguaçu (RJ) e Afogados da Ingazeira, Serra Talhada e Triunfo, municípios do sertão de Pernambuco.

Lopes (2001), em sua tese de doutoramento, analisa a concordância de número no SN na língua falada em Salvador (BA). Em seu trabalho, a pesquisadora toma para análise amostras de fala de 66 informantes, a fim de observar como ocorre o dado fenômeno linguístico entre os nativos da capital baiana. Lopes (2001) verifica que os grupos de fatores linguísticos (posição linear, classe grammatical, classe grammatical associada à posição linear e à posição relativa ao núcleo) e os grupos de fatores extralingüísticos (escolaridade, faixa etária, gênero e etnia) correlacionam-se positivamente com a marcação de plural.

Em relação à posição linear, Lopes (2001) constata que a primeira posição no SN apresenta mais o morfema de plural do que as demais posições. A autora destaca que há uma redução brusca da primeira posição para segunda, e que a partir dessa existe uma tendência de redução da marcação de pluralidade até a quarta posição, enquanto que na quinta posição a marcação de plural torna-se mais evidente.

Ao analisar a classe grammatical, a autora constata que os adjetivos 2 (termos como determinado, mesmo e próprio que possuem classificação controvertida) e os artigos são os fatores que apresentam maior peso relativo, seguidos pelos possessivos, numerais, indefinidos e os pronomes pessoais do caso reto.

Substantivos, quantificadores, adjetivos 1 (avaliativos, deverbais, indicativos de nacionalidade) e categorias substantivadas, por sua vez, não se relacionam positivamente com o uso do morfema de plural.

Na análise conjunta da classe, da posição linear e da posição relativa, Lopes (2001) observa que os elementos adjacentes ao núcleo (à esquerda dele) são mais propensos de receberem a marca de plural; em

segundo lugar, os itens não adjacentes (à esquerda do núcleo) apresentam grande probabilidade de serem marcados; e em seguida, apresentam-se como mais propensos a receberem a marca de plural os elementos nucleares em primeira posição. Enquanto que os elementos à direita do núcleo e os elementos nucleares em segunda, terceira ou quarta posição destacam-se como desfavorecidos do uso da marca.

No estudo dos aspectos sociais que se relacionam com o uso do morfema de plural no SN, a autora observa a correlação entre os anos de escolarização do falante e a marcação. Para isso, considera amostras de fala de informantes de três níveis de escolaridade: nível fundamental ou primário, nível médio e nível superior, e constata uma relação proporcional entre os anos de escolarização e o uso do morfema de pluralidade em todos os elementos flexionáveis do SN.

A autora destaca, porém, que a escolaridade não se mostra como a única variável relacionada com a concordância nominal, uma vez que se observou que dentro de um mesmo nível de escolaridade há diferentes comportamentos linguísticos dependentes da faixa etária e dos sobrenomes dos falantes pelos quais se distinguem as etnias. Lopes (2001) observa que entre os grupos que cursaram o nível fundamental e o superior, a faixa etária mais alta utiliza mais a marca de pluralidade em todos os elementos do SN do que as faixas etárias mais novas. Enquanto que entre os falantes que possuem ensino médio, os mais jovens utilizam mais determinada marca do que os mais velhos.

Ao tomar para análise a variável faixa etária, Lopes (2001) veio constatar que os falantes pertencentes a faixas etárias mais elevadas tendem a utilizar mais as marcas de pluralidade que os mais novos. Quanto à variável etnia verificou-se que independente da escolaridade, os falantes que possuem sobrenomes religiosos ou ancestralidade negra apresentam menos a marca de plural nos elementos do SN que os

falantes de sobrenomes não religiosos.

Nas faixas etárias no grupo de sobrenome religioso, a pesquisadora observou que as faixas etárias mais novas apresentam mais a marca de pluralidade. Já no grupo de sobrenome não religioso, por sua vez, há evidência de redução de marcação de plural entre os mais jovens.

Na análise geral da variável gênero, constatou-se, nessa pesquisa, que as mulheres apresentam com um pouco mais de frequência a marca de plural em todos os elementos do SN do que os homens, ou seja, elas tendem a utilizar a variante com maior prestígio social no SN. Lopes (2001) destaca, porém, que isso ocorre apenas no grupo que possui ensino médio, enquanto que no ensino fundamental os homens utilizam mais a dada variante e no ensino superior, os dois gêneros utilizam igualmente a marcação de plural.

Com esse trabalho desenvolvido por Lopes (2001), verificou-se que a concordância de número no SN comporta-se como sincronicamente variável em Salvador, correlacionando-se com vários fatores linguísticos e extralinguísticos, o que vem contribuir para o entendimento do comportamento linguístico do Nordeste.

Outra pesquisa que vem contribuir para o melhor entendimento da concordância, no português brasileiro, é desenvolvida por Andrade (2003), em Tubarão (SC), extremo sul catarinense, e em São Borja (RS), cidade gaúcha que faz fronteira com o município de São Tomé, na Argentina. Nesse estudo, a autora utiliza amostra de fala de 24 informantes, sendo 12 da primeira cidade e 12 da segunda.

Os dados de Tubarão foram cedidos pelo PROCOTEXTOS / AMUREL (Projeto de coletas de textos de informantes da AMUREL²,

² “AMUREL – Associação de Municípios da Região de Laguna. A cidade de Tubarão constitui a principal cidade desta associação” (ANDRADE, 2003, p.58)

desenvolvido pelo Programa de Mestrado em Ciências da Linguagem da UNISUL) e os de São Borja foram retirados do banco de dados de fala do Projeto VARSUL Variação Linguística Urbana da Região Sul. Todos os informantes, cuja fala foi analisada nessa pesquisa, foram estratificados de acordo com a escolaridade (primário, ginásio e colegial), com o sexo (masc. e fem.) e a idade (25 a 49 e acima de 50 anos).

As variáveis linguísticas que foram analisadas são: posição dos elementos no SN, classe gramatical dos elementos, relação com o núcleo do SN, marcas precedentes, saliência fônica, tonicidade dos itens e grau dos substantivos. Quanto às variáveis extralingüísticas, foram analisadas as variáveis idade, nível de escolarização, sexo e cidade. Nessa análise, Andrade (2003) observa que as variáveis linguísticas posição dos itens no SN e tonicidade dos itens lexicais e a variável social idade não foram selecionadas pelo Pacote Estatístico do VARBRUL.

Em relação à variável marcas precedentes, a autora confirma sua hipótese ao observar que marcas levam a marcas, zeros levam a zeros e mais marcas de uma só natureza acarretam a mais marcas do que marcas de natureza distinta. Sobre a saliência fônica, a autora constata que alguns plurais irregulares favorecem mais a marcação do que os plurais regulares. A respeito da relação com o núcleo, Andrade (2003) observa que todos os elementos antepostos ao núcleo do SN são mais marcados do que os pospostos.

Sobre o grau do substantivo, a autora conclui que os aumentativos e os diminutivos são menos marcados do que o grau normal. Com relação à classe gramatical, a autora verifica que, em seu corpus de análise, os indefinidos, os quantificadores, as categorias substantivadas, os artigos e demonstrativos favorecem a marcação de pluralidade, enquanto os

possessivos, substantivos e adjetivos desfavorecem-na.

Na análise das variáveis extralingüísticas, Andrade (2003) observa que a escolaridade mostra-se correlacionada com o uso da concordância nominal de número, uma vez que quanto maior o grau de escolarização, mais se tende a utilizar o morfema de plural; ao tempo que quanto menor o grau de escolarização, menos se aplica a tal morfema.

A autora ressalta, porém, que a marcação de plural proporcional ao grau de escolarização ocorre apenas entre as mulheres. Quanto à variável sexo, observa-se que as mulheres marcam mais o plural do que os homens, no município de Tubarão, SC (TUB). Já em São Borja, RS (SBO), as mulheres e os homens marcam igualmente os elementos flexionáveis do SN.

Sobre a variável cidade, Andrade (2003) percebe que os informantes de São Borja aplicam mais a regra que os informantes de Tubarão, pois embora os percentuais dos dados das duas cidades sejam próximos (TUB 68% e SBO 64%), os pesos relativos apontam diferenças relevantes: TUB 0,56 e SBO 0,43.

Brandão (2011), por sua vez, analisa a concordância de número no SN nas variedades urbanas do português falado no Brasil e em São Tomé, a fim de verificar quais fatores linguísticos e sociais relacionam-se com o cancelamento do morfema de plural nos dois países. Para isso, a autora toma para análise amostras de fala de 35 informantes (18 do PB, 17 do PST) estratificados de acordo com sexo (masc. efem.), faixa etária (18 a 35, 36 a 55 e de 56 a 75 anos) e escolaridade (ensino fundamental, médio e superior).

Essas amostras fazem parte dos corpora, colhidos entre 2008 e 2010, do Projeto Estudo comparado dos padrões de concordância em variedades africanas, brasileiras e europeias. Como este trabalho centra-se na concordância de número no PB, destacam-se apenas os resultados

de Brandão (2011) referente à amostra brasileira colhida em Nova Iguaçu, cidade metropolitana do Rio de Janeiro.

A autora verifica, na amostra de fala dos iguaçuanos, a correlação entre a ausência de marcação de plural e as variáveis linguísticas posição linear e relativa no SN; processo morfológico de formação de plural e animacidade do núcleo; bem como com as variáveis extralingüísticas escolaridade e faixa etária.

Em relação à variável posição linear e relativa no SN, Brandão (2011) observa que os constituintes pré-nucleares apresentam menos cancelamento de marca do que os nucleares e os pós-nucleares, sendo a primeira posição a menos suscetível ao desuso do morfema de plural. Quanto ao processo morfológico de formação de plural, constata-se que os itens menos marcados do ponto de vista fônico apresentam menos marca de plural do que os de características inversas.

Na análise do fator animacidade, verificou-se que os vocábulos com traço [+animado], em que predomina o traço [+humano], são menos sujeitos ao desuso do morfema de plural do que os de traço [-animado]. No estudo da variável escolaridade, Brandão (2011) pode observar que os informantes que possuem ensino superior tendem a cancelar menos a marca de plural do que os informantes que possuem ensino fundamental ou médio, sendo que esses últimos apresentam menos marcação do que os de ensino fundamental.

Em relação à faixa etária, observou-se, nesse trabalho, que os indivíduos pertencentes à faixa etária mais elevada tende apresentar menos marca de plural do que os mais jovens. Com esses resultados alcançados, em Nova Iguaçu, Brandão (2011) propicia, além de elementos para discutir o processo que estaria na base da possível diferenciação entre o PB e o PE, a ampliação do conhecimento de como se dá a concordância nominal dentro do Brasil.

Ao analisar a língua falada em Belo Horizonte (MG), Pinheiro (2012) também contribui nesse sentido. A autora analisa amostras de fala de 33 residentes da capital mineira e verifica a correlação entre a ausência do morfema de plural e as variáveis linguísticas saliência fônica, paralelismo formal, classe gramatical, posição linear, relação com o núcleo, contexto fonético seguinte e traço do segmento seguinte; como também com as variáveis extralingüísticas estilo de fala, classe social, faixa etária, sexo, regional da cidade e escolaridade.

Entre as variáveis linguísticas posição linear, classe gramatical, saliência fônica, paralelismo e relação com o núcleo são as que influenciam o cancelamento da marca formal de plural no SN; enquanto que entre as extralingüísticas, a escolaridade é o único que se destaca nesse sentido.

Em relação à posição linear, observou-se que a primeira posição tende ser mais marcada do que as demais posições, havendo, de acordo com Pinheiro (2012), uma oposição entre a primeira posição do SN e as que seguem. Na análise da classe gramatical, verificou-se que os núcleos do SN, substantivo e categoria substantivada são menos marcados do que os adjetivos, possessivos, numerais, indefinidos, artigos e demonstrativos.

Quanto à saliência fônica, observou-se que as formas menos salientes tendem a ser menos marcadas do que as mais salientes, logo, o plural regular apresenta menos marcação do que o plural duplo. Verificou-se, ainda, ao tratar do fator paralelismo formal, que marcas levam a marcas, e zeros levam a zeros, por isso, “a presença de marcas a partir da primeira posição favorece a forma padrão, [...] assim temos marcas que levam a marcas” (Pinheiro, 2012, p. 153).

Sobre o fator extralingüístico escolaridade, pode-se constatar que quanto menor o nível de escolaridade menos se emprega a marca formal

de plural, de maneira que os residentes de Belo Horizonte que possuem ensino fundamental apresentam com menor frequência em suas falas a marcação do que os que possuem ensino médio e superior.

Com esse trabalho, Pinheiro (2012) observa que a concordância nominal é um fenômeno variável e que fatores como posição linear, classe gramatical, saliência fônica, paralelismo e escolaridade correlacionam-se com o cancelamento da marca de plural no SN na língua falada, em Belo Horizonte.

Silva (2014), por sua vez, analisa como se dá a concordância de número em sintagmas nominais com duas posições na fala de alagoanos residentes na cidade de São Paulo, em comparação com a fala de paulistanos. Para isso, analisa amostras de fala de 48 informantes, sendo que 24 são de alagoanos e foram colhidas pela autora, e 24 são de paulistanos e foram selecionados dentre as coletas do GESOL (SP2010).

Essas amostras são estratificadas com base nas variáveis extralingüísticas sexo (masc. e fem.), faixa etária (20 a 34, 35 a 39 e mais de 60 anos) e escolaridade (ensino fundamental e médio). Além dessas variáveis, também são analisadas as variáveis linguísticas classe gramatical do elemento não nuclear, formação de plural no elemento nuclear, tonicidade do elemento não nuclear, número de sílabas do elemento não nuclear e número de sílabas do elemento nuclear.

As três variáveis extralingüísticas foram selecionadas como estaticamente relevantes na análise da ausência do morfema de plural e apontaram para a semelhança entre a língua falada por alagoanos e paulistanos que residem em São Paulo. Verificou-se, nesses dois grupos de falantes, que os homens tendem a utilizar menos a marcação de plural do que as mulheres, que as faixas etárias mais baixa e mais alta apresentam menos frequência de uso do morfema de plural do que a

faixa intermediária, e que os informantes com menos escolaridade apresentam menos marcação de pluralidade em suas falas do que os que possuem ensino médio.

Entre as variáveis linguísticas, tanto no grupo de paulistanos como no de alagoanos, apenas a classe gramatical do elemento não nuclear e a formação de plural no elemento nuclear mostram-se correlacionados com a ausência de marcação. Na análise da classe gramatical, verificou-se que os demonstrativos são menos marcados do que as demais classes (numerais, pronomes possessivos, quantificadores indefinidos e artigos). Em relação à formação de plural, observou-se que os plurais regulares (plural em s) são menos marcados do que os irregulares (plural em es, em is e em eis).

Silva (2014) verifica, portanto, que a concordância de número no SN apresenta-se de forma semelhante na fala de paulistanos e de alagoanos que residem em São Paulo. E é condicionada pelos mesmos fatores, diferindo apenas, no range, pois, enquanto que entre os alagoanos a variável que mais se mostra relevante no cancelamento da marca de plural é a faixa etária, entre os paulistanos é a escolaridade.

Além de centros urbanos, como São Paulo; municípios, como Afogados da Ingazeira, Serra Talhada e Triunfo, sertão de Pernambuco, são abordados como universo de estudo do uso da concordância nominal. Sedrins, Siqueira e Santos (2015) tomam esses municípios para análise da correlação entre o uso da marca de plural no SN e os grupos de fatores linguísticos posição linear e classe gramatical, bem como com os grupos de fatores extralingüísticos sexo (fem. e masc.), escolaridade (ensino fundamental e médio) e município de residência.

Para constituição do corpus analisado, colheu-se amostras de fala por meio de entrevistas informais com 12 informantes de cada município, sendo 3 mulheres e 3 homens com ensino fundamental e a

mesma quantidade com ensino médio. Todos pertencentes a faixa etária de 20 a 40 anos de idade.

Ao considerar as variáveis extralingüísticas, Sedrins, Siqueira e Santos (2015) observam em relação à variável escolaridade que os indivíduos que cursaram o ensino médio apresentam com maior frequência o morfema de plural em suas falas do que os que possuem apenas o ensino fundamental. Quanto às variáveis localidade e sexo, verificaram que ambas não apresentam pesos relativos relevantes no estudo da marcação de plural na amostra de fala analisada.

Em relação à variável linguística posição linear, os autores constataram que a primeira posição é mais marcada do que as demais, e destacam que os itens localizados mais à esquerda do SN tendem a vir mais marcados do que os que estão localizados à direita.

Sobre a classe gramatical, Sedrins, Siquer e Santos (2015) constatam que a marcação de plural nos artigos indefinidos, numerais, pronomes demonstrativos e pronomes pessoais de 3^a pessoa é categórica. O pronome possessivo é a classe que mais condiciona o uso do morfema de plural, enquanto que o substantivo é a que mais favorece o desuso do morfema. Constatou-se, então, com esses resultados, que há variação em relação ao uso da marca de pluralidade no SN na língua falada no sertão de Pernambuco, e que essa variação é condicionada tanto por fatores linguísticos como sociais.

Portanto, pode-se verificar com as pesquisas sucintamente descritas, que a variação no uso da concordância de número no SN ocorre em diferentes municípios brasileiros. No entanto, apesar de considerarem o mesmo objeto de análise, os resultados obtidos nelas, sobre algumas variáveis, mostram-se divergentes, o que torna relevante o estudo do fenômeno linguístico na comunidade de fala maceioense.

Apresentam-se, no quadro, a seguir, os resultados das variáveis

extra-linguísticas escolaridade, sexo e faixa etária; e das variáveis linguísticas posição linear e classe gramatical quando alcançados nas pesquisas desenvolvidas, a partir de 2010, em capitais brasileiras e em Nova Iguaçu que possui, de acordo com o último senso, uma população de 787.563, número próximo ao da comunidade de fala tratada, nesta pesquisa, que possui 932.078 habitantes.

Quadro 01 - Resultados alcançados por Brandão (2011), Pinheiro (2012) e Silva (2014)

1 ^a pos.		100	0,90			
2 ^a pos.		66	0,14			
3 ^a pos.		74	0,13			
Classe gramatical		65	0,20			
Substantivo		100	0,88			
Indefinido		100	0,99			
Artigo		94	0,79			
Possessivo		80	0,34			
Adjetivo						
Quantificador						

Fonte: Autora (2016)

Na composição desse quadro, abordaram-se os valores inversamente proporcionais dos alcançados nas pesquisas de Brandão (2011), Pinheiro (2012) e Silva (2014), ou seja, os que equivalem ao uso da marca de plural, uma vez que os autores tomaram como objeto de estudo o desuso do morfema de plural no SN, enquanto que neste trabalho analisa-se o uso desse morfema. Nesse quadro, equiparam-se também as faixas etárias trabalhadas por Brandão (2011) e Silva (2014) com as abordadas nesta pesquisa.

Vale ressaltar, ainda, que, embora a variável classe gramatical tenha se mostrado relevante no estudo de Silva (2014), não se apresentam seus valores estatísticos. Uma vez que o autor toma para análise sintagmas com apenas duas posições e centra o estudo da classe gramatical nos elementos localizados à esquerda, ou seja, os da primeira posição, além de distribuir as classes gramaticais em dois grupos, os

demonstrativos e os outros (numerais, pronomes possessivos, quantificadores indefinidos e artigos), o que pode distanciar os resultados alcançados em São Paulo com os desta pesquisa.

Como se pode observar no quadro, a correlação da escolaridade e a marcação de plural comporta-se de forma semelhante em Nova Iguaçu, em Belo Horizonte e entre os paulistanos e alagoanos que residem em São Paulo, apontando que os informantes que possuem maior nível de escolaridade tendem a utilizar mais a marca de plural do que os que possuem um nível mais baixo. Percebe-se, também, que as mulheres que residem em São Paulo tendem a utilizar um pouco mais a marcação de plural do que o sexo oposto.

Em relação à faixa etária, observa-se que em todas as cidades mencionadas, os informantes pertencentes à faixa etária intermediária tendem a apresentar mais em suas falas o morfema de plural do que os demais informantes. Quanto à posição linear e a classe gramatical, tratadas apenas em Pinheiro (2012), verifica-se que a primeira posição apresenta mais marcação do que as demais e que o artigo e o indefinido correlacionam-se positivamente com o uso do morfema de plural, enquanto o substantivo é a classe que mais desfavorece esse uso.

Portanto, ao comparar os resultados alcançados nessas pesquisas, observa- se que os fatores que condicionam o uso do morfema de plural no SN comportam-se de maneira semelhante em diferentes capitais brasileiras e em Nova Iguaçu. Esses resultados serão comparados no capítulo de Análise dos Dados com os deste estudo, o que possibilitará verificar se o uso linguístico de Maceió em relação à CN assemelha-se ao dessas localidades ou se há particularidades no uso do morfema de plural na capital alagoana.

CAPÍTULO II

A SOCIOLINGUÍSTICA VARIACIONISTA

Analisar a língua em situações reais de uso, considerar as correlações entre o sistema linguístico, cultura e sociedade, bem como analisar os contextos que favorecem as mudanças linguísticas, são algumas das atribuições da Sociolinguística. Essa, em suas diversas vertentes teóricas, mostra-se como um importante movimento da história da Linguística ao firmar um novo olhar sobre a língua, considerando-a não apenas com um sistema de signos, mas como um sistema cuja existência atrela-se ao meio social. Neste capítulo, apresentam-se alguns aspectos das principais abordagens sociolinguísticas, um sucinto histórico do surgimento da Sociolinguística Variacionista, na qual se filia este trabalho, e os principais conceitos trabalhados nessa teoria.

2.1 Sociolinguísticas

O termo *sociolinguística* se aplica a diferentes abordagens que atuam na fronteira entre língua e sociedade, analisando os empregos linguísticos concretos. Tais abordagens se diferenciam pela forma como analisam as relações entre o sistema linguístico e a sociedade e pelos objetivos de pesquisa que direcionam a importância ofertada a um ou a outro domínio. Trudgill (2014, p.1) afirma que a sociolinguística pode ser dividida em macrossociolinguística e microssociolinguística.

O termo macrossociolinguística geralmente abrange a linguística variacionista, a dialetologia social, a sociologia da linguagem e outras áreas que envolvem o estudo de grupos relativamente grandes de falantes. Microssociolinguística, por outro lado, é um termo que geralmente abrange o estudo sociolinguístico de interação face-a-face, como na análise do discurso e análise da conversação, a sociolinguística interacional e a psicologia social da linguagem, como também outras áreas da sociolinguística que envolve o estudo de grupos relativamente pequenos de falantes.³

Em 1964, as diferentes vertentes sociolinguísticas ficaram evidentes durante uma conferência sobre sociolinguística realizada na Universidade de Los Angeles. Nesse evento, destacaram-se os principais nomes da investigação social da língua do séc XX: Joshua Fishman, Dell Hymes, John Gumperz e William Labov.

Fishman, expoente da sociologia da linguagem, busca examinar a interação entre dois aspectos do comportamento humano: o uso da língua e a organização social. Para isso, ele incorpora os aspectos sociológicos nas descrições linguísticas, uma vez que nessa perspectiva entende-se a língua como um objeto sociológico que se imbrica aos costumes e a cultura da sociedade. Conforme Trudgill (2014), a sociologia da linguagem configura-se como macrossociolinguística e trata da relação entre os fatores sociológicos e a linguagem abordando

³ No original: The former term is sometimes used to cover variationist linguistics, social dialectology, the sociology of language, and other areas involving the study of relatively large groups of speakers. Microsociolinguistics, on the other hand, is a term which is sometimes used to cover the sociolinguistic study of face-to-face interaction such as in discourse and conversation analysis, interactional sociolinguistics, and the social psychology of language, as well as other areas of sociolinguistics involving the study of relatively small groups of speakers. (Todas as traduções deste trabalho são de responsabilidade da autora)

temas, como multilinguismo e planejamento linguístico.

Dell Hymes, por seu turno, propõe uma investigação etnográfica da fala que visa descrever e analisar as modalidades de uso de línguas dentro de uma dada cultura, bem como as formas em que os falantes empregam os recursos da língua. Explicando os conceitos que norteiam essa perspectiva, Kiesling e Paulston (2005, p.3) afirmam:

[...] para pensar a linguagem e seu uso se faz necessário observar o contexto de aplicação dessa em seu uso cotidiano, com suas particularidades. Há também que se levar em consideração os atores envolvidos, bem como o sistema de valores e regras mais amplas que guiam as relações sociais.

Logo, a etnografia da fala busca analisar o comportamento linguístico realizado no contexto cultural de cada grupo social, atentando para as funções da linguagem através das regras sociais.

Gumperz (1996), expoente da Sociolinguística Interacional, busca, por sua vez, analisar a diversidade linguística na comunicação do cotidiano por meio da relação entre cultura, sociedade e indivíduo, de forma que os fenômenos linguísticos são estudados, considerando os diversos contextos sociais e os desempenhos individuais em cada ato interacional. Gumperz centra seus estudos na rede social, entendendo que

se os significados residem em práticas interpretativas e essas se localizam em redes sociais nas quais o indivíduo está socializado, então as unidades “cultura –” e “língua –” não são as nações, os grupos étnicos ou algo parecido ... ao invés, são redes de indivíduos em interação (Gumperz, 1996, p.11).

Battisti (2014), ao discorrer sobre rede social, afirma que ela pode ser entendida como teias de laços que se estendem, potencialmente, a toda a sociedade e revelam as inter-relações individuais, tornando-se uma categoria de pesquisa próxima à dimensão do cotidiano.

Diferentemente de Gumperz (1996), Labov (2008[1972]) centra seus estudos na comunidade de fala e propõe uma análise da variação e mudança linguística pelo estudo da correlação entre as variáveis linguísticas (morfossintáticos, fonéticos, lexicais e discursivos) e as variáveis extralingüísticas (idade, sexo, escolaridade e outros), de modo a explicar como os fatores sociais interferem na produção linguística.

2.2 O Surgimento da teoria da variação e mudança linguística

As discussões sobre os fenômenos variáveis da língua expandiram-se a partir de 1960 com o surgimento da Sociolinguística Variacionista que dispõe de critérios metodológicos próprios para a análise de tais fenômenos. Os estudos realizados por Weinreich, Labov e Herzog (2006[1966]) marcam o ponto de partida dessa área de conhecimento e apontam uma série de variações linguísticas relacionadas a aspectos linguísticos e sociais, o que justificaria e explicaria a variação.

Em 1972, Labov publica Padrões Sociolinguísticos que representa a consolidação da Sociolinguística Variacionista. Acoplando algumas pesquisas realizadas por ele, a obra expõe que os fenômenos de variação e mudança linguística estão relacionados às questões de valor social, o que lhe possibilita uma análise quantitativa da variação linguística e social. Nessa perspectiva, observa-se a correlação entre as variáveis linguísticas (sintáticos, morfológicos, fonéticos, lexicais e discursivos) e as variáveis extralingüísticas (idade, sexo, escolaridade e outros), de modo a explicar como os fatores sociais relacionam-se com o sistema

linguístico.

Embora os estudos realizados por Labov (2008[1972]) tenham lançado luz à mudança linguística, esse fenômeno vem sendo observado pelo menos desde o século XIX com os comparatistas que já observavam como a língua sofre determinadas modificações no decorrer do tempo dependendo dos aspectos sociais, das condições geográficas e da própria natureza da língua.

As pesquisas comparatistas se deram sob a perspectiva da etnografia e da etimologia, as quais buscavam simultaneamente explicar a relação existente entre a evolução das modalidades de uso da língua e os grupos sociais e a evolução das palavras na história. Entre os trabalhos realizados pelos comparatistas, um dos que mais contribuíram nos estudos sobre a língua foi a descoberta do sânscrito (a língua hindu) e a proposição de uma língua mãe, o indoeuropeu. Essa proposição originou-se com a comparação realizada entre o sânscrito, o latim e o grego e da constatação de que essas línguas apresentavam semelhanças em suas estruturas, o que impulsionou a crença em uma protolíngua.

Ainda durante a ascensão da Linguística Comparativa, os estudos voltados à Dialetologia ganharam espaço e tornaram-se os primeiros estudos linguísticos que partem do uso da língua por meio da coleta de dados orais dos falantes e que buscam descrever as diferentes formas de falar de cada grupo social, uma vez que até então, os estudos baseavam-se em informações provenientes de documentos escritos. Essa área de estudo firmou-se pela construção dos primeiros atlas linguísticos, entre eles o da França iniciado por Jules Guillierón e concluído por Edmond Edmont. Outros atlas foram produzidos em diversas regiões da Europa, na Suíça, na Itália, na Holanda e na Alemanha. Esses atlas

[...] em vez de mostrar características topográficas como montanhas e planícies, mostra como a pronúncia das palavras do falante muda conforme seu movimento no espaço físico. A distribuição de diferentes formas pronúncias ou padrões de frases pode ser mostrado com diferentes símbolos sobrepostos em um mapa da região, que traça cada ponto levantado⁴ (Meyerhoff, 2006, p.11).

Nesse contexto de pesquisas dialetólogas, alguns estudos voltados ao bilinguismo e multilinguismo foram realizados, como os de Max Weinreich que analisou o iídiche, língua judia-alemã. No final da primeira metade do séc. XX, esse pesquisador, junto com seu filho Uriel Weinreich, chegou aos EUA e passou a analisar a diversidade linguística norte-americana composta pela língua oficial, o Inglês; diversas línguas indígenas, sem nenhuma tradição escrita; línguas africanas faladas por escravos, que viviam em contato direto com as línguas europeias chegadas pela colonização; além das línguas dos diversos imigrantes que chegaram aos Estados Unidos motivados pela Segunda Guerra Mundial. Com o estudo do convívio das diferentes línguas nos EUA, Uriel Weinreich passou a analisar como os fatores externos interferem no processo de mudança linguística.

Em 1966, no simpósio Direções para a Linguística Histórica, que ocorreu na Universidade do Texas, esse pesquisador apresentou, junto com seus orientandos William Labov e Marvin Herzog, o artigo intitulado Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança

⁴ No original: The results of dialect surveys are often plotted on maps, thus providing an atlas which, instead of showing topographical features like mountains and plains, shows how sp pronunciation of words changes as your move across physical space. The distribution of different forms pronunciations or sentence patterns can be shown with different symbols superimposed on a map of the region which plots every point surveyed.

linguística com o intuito de devolver o centro das pesquisas linguísticas realizadas nas universidades americanas à Linguística Histórica, pois com a ascensão das tendências estruturais, as principais universidades europeias e norte-americanas realizavam suas pesquisas relacionadas à língua pautando-se na Linguística Sincrônica, que ocupou a primazia que outrora pertenceu a Linguística Histórica.

Além da influência que recebeu de seu pai, Max Weinreich, U. Weinreich recebeu a influência de outro dialetólogo, seu orientador André Martinet, que pesquisou os dialetos naturais dos prisioneiros de guerra durante a Segunda Guerra Mundial. Esse, por sua vez, foi orientado por Antonie Meillet, um dos orientandos de Saussure de quem herdou o aspecto estrutural de organizar os elementos linguísticos.

Saussure, embora não adotasse a análise comparatista e histórica, recebeu orientação de William Whitney, um dos maiores dialetólogos do séc. XIX. Como se pode perceber, o percurso percorrido desde a Linguística Comparativa até Uriel Weinreich, orientador de Labov, foi composto por pesquisas sobre o Bilinguismo, a busca pela Linguística Histórica e a herança dialetóloga, de modo que se pode entender que a sociolinguística variacionista ou laboviana como confluente, se não a síntese, de várias linhas de investigação que remontam a várias gerações de linguistas⁵. (Labov, 2002, p.6)

2.3 Sociolinguística variacionista

De acordo com Labov (2008[1972]), a língua deve ser concebida como um sistema heterogêneo em constante processo de mutação que se relaciona diretamente ao meio social em que se insere. De maneira

⁵ No original: confluent, if not the synthesis, of various lines of research that go back to at least several generations of linguistics workers

que a variação inerente à língua, deve-se a correlação entre os fatores linguísticos (sintáticas, morfológicas, fonéticas, lexicais e discursivas) e os fatores extralingüísticos (idade, sexo, escolaridade e outras). Essa variação é sistematizada, não ocorre de forma aleatória e em toda parte do sistema do linguístico, uma vez que a língua comporta, além das regras variáveis, as categóricas.

Entende-se como regras categóricas as que não admitem outra forma de aplicação pelos falantes, que fazem parte de um núcleo de estruturas compartilhadas, conferindo a língua certa estabilidade. Um exemplo de regra categórica na língua portuguesa é a colocação do artigo em relação ao nome que ele determina o artigo sempre é anteposto ao nome como em *A boneca*. A regra variável, por sua vez, relaciona duas ou mais formas linguísticas que podem ocorrer no mesmo contexto linguístico com o mesmo valor de verdade, por exemplo, no sintagma nominal *A menina bonita*, admite-se três formas de pluralização: flexão em todos os elementos do sintagma, flexão nos dois primeiros elementos e apresentação da marca de plural apenas no primeiro elemento do sintagma nominal.

O comportamento das regras variáveis é o foco da análise Sociolinguística, uma vez que são elas que impulsionam a variação linguística. Com base nisso, nesta pesquisa, busca-se analisar a regra variável que rege a concordância de número no sintagma nominal na comunidade de fala maceioense. Compreendendo que a natureza variável da língua é um pressuposto fundamental que sustenta a observação, a descrição e a interpretação do comportamento linguístico, explana-se, a seguir, sobre o caráter variável da língua por meio de alguns pontos que norteiam o estudo da variação, conforme a vertente laboviana, como modelo metodológico, variável, variante e comunidade de fala.

2.3.1 Aspectos metodológicos

No desenvolvimento de qualquer pesquisa científica se faz necessário pautar-se em pelo menos uma teoria. Cada teoria, por sua vez, atrela-se a procedimentos metodológicos que conduzem a pesquisa a fim de proporcionar o acesso a resultados coerentes e fidedignos. Este trabalho baseia-se na Sociolinguística Variacionista, que busca analisar a correlação entre os fatores internos e externos ao sistema linguístico, entendendo que existe a possibilidade de sistematizar a variação existente e própria da língua falada. Para isso, possui uma metodologia baseada em números e estatísticas para a análise de dados. Vale ressaltar, porém, que

Essa visão teórica não se limita a fazer análises mecânicas dos dados linguísticos. Por detrás dos números, que são usados como um recurso adicional para refutar ou não hipóteses diversas, há um linguista, ser pensante, que tem como objetivo entender o funcionamento da língua, seu objeto de estudo (Scherre, 1996, p.30).

Logo, a pesquisa sociolinguística não se resume a dados, e esses não são coletados fortuitamente. Na construção do corpus, se faz necessário seguir alguns procedimentos quanto à definição da comunidade de fala que será analisada, a seleção dos falantes que serão observados e as variáveis linguísticas e extralingüísticas que serão abordadas. Em algumas pesquisas, a comunidade de fala a ser escolhida depende da seleção do fenômeno e se faz, por isso, necessário o conhecimento prévio da comunidade. Em outras, os sociolinguistas elegem uma comunidade cuja fala nunca foi estudada e, por isso, o fenômeno linguístico surgirá a partir dos dados.

Na seleção dos informantes, geralmente segue-se o método aleatório simples pelo “todos os individuos tem exatamente igual probabilidade de escolha” (Oliveira e Silva, 2003, p.120) ou aleatório estratificado, que divide a população em células “compostas, cada uma, de indivíduos com as mesmas características sociais” (Oliveira e Silva, 2003, p.120). Esse último relaciona-se diretamente com a escolha de variáveis extralingüísticas, como sexo e escolaridade, que são consideradas na construção das células.

Campoy e Almeida (2005) ressaltam que antes de ir a campo, o pesquisador deve refletir sobre os instrumentos de investigação a ser utilizados e citam alguns, como entrevistas, testes, enquetes e questionários postais, eletrônicos e presenciais, e esclarecem que cada um desses contatos possui vantagens e desvantagens, sendo necessário que se considerem as características do fenômeno a ser analisado ao se escolher os instrumentos de investigação, a fim de ter acesso a fala menos monitorada dos informantes.

Ao analisar o processo de variação, os estudos sociolinguísticos se deparam com o desafio da captura da fala natural, o vernáculo, porque se utiliza na coleta de dados recursos tecnológicos, como o gravador, que pode inibir o falante. Nesse momento, de acordo com Labov (2008[1972]), os sociolinguistas encontram-se no paradoxo do observador, porque, embora o objetivo da pesquisa Sociolinguística seja analisar a fala que surge quando as pessoas não estão sendo observadas, não há como colher dadoa sem a observação sistemática. No entanto, a “Sociolinguística tem desenvolvido técnicas para superar o paradoxo do observador, ou ao menos reduzir seus efeitos e obter amostras de fala o mais natural possível⁶” (Campoy; Almeida, 2005, p.

⁶No original: la Sociolingüística há desarrollado técnicas para superar la paradoja del observador, o al menos reducir seus efectos, y obtener muestras de habla lo más natural

115).

Um dos critérios que pode amenizar o paradoxo do observador é o contato mantido pelo pesquisador com os informantes antes da realização da coleta e/ou realizar a coleta com o auxílio de um membro da comunidade, que servirá de elo entre o pesquisador e os informantes. Feita a coleta, segue-se a transcrição dos dados a fim de poder analisá-los de forma mais consistente.

Após essa etapa, pode-se utilizar programas computacionais, como o GoldVarb X, que acomoda os dados de variação e aponta estatisticamente os fatores significativos para análise. A última etapa, a análise, consiste na observação e explicação dos fatores linguísticos e extralingüísticos que influenciam a língua da comunidade em estudo. Por tratar-se de uma linha teórico-metodológica quantitativa, os dados são relevantes na argumentação, porém, considera-se também o viés qualitativo ao interpretar determinados dados.

Neste trabalho, tomam-se para análise os dados disponíveis no banco de dados Descrição e Análise de Aspectos Gramaticais e Variacionais de Línguas Brasileiras, que se pauta em critérios teórico-metodológicos sociolinguísticos variacionistas e disponibiliza amostras de fala que possibilitam análises sistemáticas do PB, como a construída no quarto capítulo, deste escrito.

2.3.2 Variáveis e variantes

Na abordagem Sociolinguística Variacionista, a língua é concebida como um sistema heterogêneo que possui a variação como inerente. Essa variação é pautada em elementos variáveis e variantes. As

variáveis dividem-se em variáveis dependentes e independentes. A variável dependente é o fenômeno analisado, por exemplo, a concordância nominal no SN; e as variantes seriam as formas que estão em competição: marcação de plural em todos os elementos, marcação de plural em alguns elementos e marcação de plural apenas no primeiro elemento do SN. O uso de uma ou de outra variante é condicionado por grupos de fatores linguísticos e extralingüísticos. Esses grupos constituem as variáveis explanatórias ou independentes.

De acordo com Lucchesi e Araújo (2016), pela análise da correlação de um dado fenômeno linguístico com os fatores sociais, busca-se observar o quadro da variação linguística, verificando se o fenômeno se encontra em variação estável - não ocorrendo tendência de predominância de uma variante linguística sobre as demais, ou em processo de mudança que sinaliza para uma futura generalização do uso de alguma variante e a consequente tendência ao desuso das outras que estão em concorrência.

A análise desse dinamismo da língua, por meio de dados sincrônicos, ganhou corpo com os estudos desenvolvidos por Labov (2008[1972]) que, ao conceber a variação linguística como um fenômeno sistemático e condicionado a fatores linguísticos e extralingüísticos, postula que a variação observada sincronicamente em um determinado ponto da gramática de uma comunidade de fala reflete um processo de mudança em curso no sistema linguístico, no plano diacrônico. Dessa forma, busca-se apreender o tempo real, onde ocorre o dinamismo diacrônico da língua, no chamado tempo aparente, ou seja, o tempo aparente constitui uma espécie de projeção.

Algumas pesquisas analisam o sistema linguístico considerando dados colhidos em uma mesma comunidade em dois momentos distintos, ou seja, considerando o tempo real. Esta pesquisa, porém,

centra-se em dados colhidos, em 2014, na cidade de Maceió, e parte-se do princípio de que as diferenças linguísticas de gerações distintas de falantes num determinado momento refletem diferentes estágios do desenvolvimento histórico do sistema linguístico.

Vale ressaltar, também, que, embora se considere a variação como sistemática, atenta-se para o fato de que um estudo em tempo aparente não pode assegurar que uma tendência de mudança linguista dará origem a uma mudança efetiva, uma vez que essa tendência pode ser revertida em decorrência de novos fatos que podem ocorrer após o processo de coleta e análise dos dados. Logo, qualquer afirmação sobre a mudança em curso é evidentemente uma inferência. (cf. Labov, 1981, p.177).

No estudo da concordância nominal no PB, têm-se considerado a combinação das variáveis sociais faixa etária, escolaridade, classe social e sexo com o intuito de identificar se essa variável linguística encontra-se em processo de mudança em progresso ou em variação estável. No que concerne à faixa etária, considera-se que a mudança em progresso se caracteriza pela distribuição inclinada, com os falantes mais jovens apresentando maior uso das formas inovadoras. Enquanto que na variação estável há um padrão curvilinear, com as faixas etárias intermediárias apresentando maior uso das formas linguísticas de maior prestígio (cf. Chambers e Trudgill, 1980, p. 91).

Em relação à escolaridade e à classe social, tem-se afirmado que um padrão curvilinear, isto é, com maior apresentação das formas inovadoras nos grupos que se localizam no centro da hierarquia, configura mudança em progresso, ao tempo que na variação estável se verifica uma relação diretamente proporcional entre classe social ou escolarização e o uso das variantes de prestígio (cf. Labov, 2008[1972], p.115-135).

Quanto ao fator sexo⁷, Labov (2008 [1972]) afirma que as mulheres demonstram uma sensibilidade para as formas linguísticas de prestígio e possuem uma participação decisiva nos fenômenos de mudança. Todavia, ele ressalta que não se pode tomar, como princípio geral, que as mulheres sempre encabeçam a mudança linguística. A esse propósito, Paiva (1992, p.71) afirma que

Quando se trata de implementar na língua uma forma considerada prestigiada, as mulheres tendem a liderar o processo de mudança. Quando, ao contrário, se trata de implementação de uma forma desprestigiada, as mulheres assumem uma atitude conservadora e os homens tomam a ponta do processo de mudança.

Paiva (1992) destaca ainda que as diferenças culturais entre os papéis desempenhados por homens e mulheres nas sociedades atrelam-se ao uso das formas linguísticas, de modo que nas sociedades em que se espera dos homens uma postura “correta” e conservadora, como nas mulçumanas, eles utilizam mais as variantes de prestígio do que as mulheres. Enquanto que em outras sociedades as mulheres procuram mais o status da variante de maior prestígio social.

Scherre (1988) destaca, porém, que o papel do fator sexo não é muito claro na distinção do processo de mudança e de variação estável, pois, tanto em mudanças em direção às formas de prestígio quanto na variação estável, as mulheres apresentam com maior frequência as formas prestigiadas do que o sexo oposto (Cf. Labov, 2008[1972], p.115-127). Sendo, por isso, mais seguro, de acordo com a autora,

⁷ Embora se compreenda gênero como construção social, como sinalizado por Freitag e Severo (org.) (2015), neste trabalho aborda-se o fator sexo, em virtude dos aspectos metodológicos utilizados na coleta dos dados que não se voltam às nuances sociais que norteiam os diferentes gêneros.

considerar que há uma tendência geral do sexo feminino em se aproximar da norma de maior prestígio e dos homens se distanciarem dela.

Considerando a relevância da abordagem dessas variáveis extralingüísticas para a compreensão do dinamismo da língua, esta pesquisa busca analisar a correlação entre a concordância de número no SN e o sexo (feminino e masculino), a faixa etária (16 a 35, 36 a 55 e de 56 a 80 anos) e o nível de escolaridade (baixa escolaridade, ensino fundamental, ensino médio e ensino superior) do falante, observando, ainda, como variáveis internas; ao sistema, como a posição linear do constituinte do SN, a classe gramatical e a relação da classe gramatical com o núcleo relacionam-se com essa variável linguística.

Como explanado no capítulo anterior, Scherre (1988) afirma que a variação da concordância nominal no PB deve-se também a duas motivações em competição: o princípio do processamento com paralelismo e o princípio da economia. Conforme a autora, os falantes são impulsionados a usar formas semelhantes por algum princípio mental associativo, o que justifica a marcação da segunda posição do SN quando a primeira é marcada, e a marcação da terceira quando a segunda é marcada.

A motivação econômica, por sua vez, permite a possibilidade de variação ao apresentar a tendência para o mínimo esforço, para a omissão das informações redundantes ou recuperáveis no contexto. Considerando esse princípio, entende-se que ao marcar apenas o primeiro elemento do SN, independente de sua classe gramatical, excluem-se as formas redundantes e conserva-se o sentido de pluralidade de todo SN.

As primeiras pesquisas sociolinguísticas voltadas ao estudo da concordância nominal, como as realizadas por Braga e Scherre (1976),

Braga (1977) e Scherre (1978), confirmam essa exclusão das formas redundantes no SN. E sinalizam para forte correlação entre o fator linguístico posição linear e a marcação de plural, ao verificarem que a primeira posição do SN favorece o uso da marca explícita de plural, enquanto as demais posições desfavorecem-na.

Ao retomar a análise da concordância nominal em sua tese de doutorado, Scherre (1988) propõe que no estudo dessa variável considere-se, além da posição linear, a classe gramatical dos elementos do SN. Com a análise da variável classe gramatical, a autora verifica que os artigos, os demonstrativos, os indefinidos e os possessivos são mais marcados com o morfema de plural e apresentam porcentagens acima de 90; enquanto que os substantivos, os substantivados, os pronomes pessoais, os adjetivos e os quantificadores apresentam porcentagens menores. Scherre (1988) destaca ainda que os adjetivos apresentam mais a marca de plural do que os substantivos.

A autora realiza também o cruzamento das variáveis posição linear e classe gramatical. E observa que as classes gramaticais não são fixas às posições, podendo ocorrer, por exemplo, substantivos em todas as posições do sintagma, e verifica, ainda, que, independente da classe gramatical, qualquer elemento que esteja na primeira posição tende a ser mais marcado.

Com esse resultado, Scherre (1988) opõe-se a proposta de Guy (1981) em considerar a posição linear e a classe gramatical como variáveis equivalentes e a correspondência entre a primeira posição e os determinantes, a segunda posição e os substantivos e a terceira posição e os adjetivos. Ela afirma ainda que

[...] a melhor forma de se entender a variação na concordância no português no Brasil é através do cruzamento entre elas. Cheguei, portanto, à conclusão de

que não é apenas a posição linear ou a classe gramatical isoladamente que dá conta da variação na concordância de número, mas sim a interrelação entre elas, bem como, a relação que se estabelece entre os determinantes e o núcleo do SN (Scherre, 1994, p. 4).

Com isso, ela propõe a análise da variável tríade posição/classe/relação advinda do cruzamento entre as variáveis posição linear, classe nuclear e não nuclear, e relação entre a classe nuclear e a não nuclear. E verifica que as classes gramaticais não-nucleares antepostas ao núcleo do sintagma são mais marcadas do que as classes gramaticais nucleares, independente das posições que elas ocupam no sintagma e do que as classes gramaticais não-nucleares pospostas ao núcleo, ou seja, as informações a esquerda do núcleo tendem a reter a informação de pluralidade.

Com o intuito de observar a relevância dos fatores que compõe essa variável, considera-se, neste trabalho, a posição linear, classe gramatical e a relação da classe gramatical com o núcleo como fatores independentes cujos critérios de análise são detalhados no próximo capítulo.

Portanto, busca-se, neste trabalho, analisar como se dá a correlação dos fatores linguísticos mencionados e a concordância de número no SN, como também observar como essa variável correlaciona-se com o sexo, a faixa etária e o nível de escolaridade do falante, o que possibilitará um melhor entendimento desse fenômeno linguístico na capital alagoana.

2.3.3 Comunidade de fala

Um dos termos mais utilizados nas pesquisas sociolinguísticas é o

de comunidade de fala, porém, trata-se de um ponto complexo, pois os sociolinguistas não são unânimes quanto aos critérios que a demarca. Neste trabalho, aborda-se a definição laboviana para delimitar esse universo de pesquisa.

Opondo-se a proposta saussuriana, que define a língua como um sistema homogêneo e atribui a fala toda a particularidade de produção linguística dos falantes, o que a torna heterogênea e instável, Labov (2008[1972]) concebe a língua como heterogênea e que deve ser analisada no contexto da comunidade de fala. Essa é constituída por falantes que possuem uma alta frequência de comunicação entre si e que compartilham os mesmos valores normativos sobre a língua.

De acordo com Severo (2008), as delimitações laboviana da comunidade de fala atravessam tanto o nível consciente como o inconsciente dos falantes, uma vez que eles compartilham valores em relação à língua e têm consciência do prestígio social da comunidade da qual fazem parte como também

[...] compartilham inconscientemente, aspectos essenciais do sistema linguístico as regras gramaticais - , sendo que os indivíduos adquirem tal sistema sem que eles possam escolher falar deste ou daquele jeito (Severo, 2008, p. 8).

O valor social atribuído à comunidade de fala também é conferido as suas variantes. De modo que as variantes pertencentes a um grupo social alto recebem um valor positivo, e todas as demais que se opõem a elas recebem um valor negativo.

Outro ponto observado por Labov (2008[1972]) é a relação entre a variação/mudança linguística e a identidade do falante com a comunidade a qual pertence. Ao analisar a centralização fonética da

vogal (a) nos ditongos [ay] e [aw], Vineyard, esse teórico constatou que os habitantes que se identificavam com a ilha realizavam com mais frequência o fonema centralizado; enquanto que os que se identificavam menos com ela apresentavam pouca centralização se aproximando da fala dos veranistas, que geralmente pertenciam a uma classe socioeconômica mais elevada do que os nativos da ilha.

Dessa maneira, as relações identitárias que os falantes nativos da ilha mantinham com o grupo social a qual pertenciam, condicionavam as produções linguísticas e delimitavam as fronteiras linguísticas da comunidade de Martha's Vineyard. A comunidade de fala da ilha, portanto, foi demarcada ao se considerar as realizações da centralização da vogal [a], logo, se pode inferir que as delimitações de uma comunidade atravessam as intenções do pesquisador ao estabelecer fronteiras no seu campo de estudo, o que se torna indispensável, uma vez que nenhuma pesquisa variacionista consegue explicar de uma só vez as mudanças e variações existentes na língua.

Um trabalho, por exemplo, que busque analisar um dado fenômeno linguístico que se realize no Brasil, em relação aos demais países de língua portuguesa, deve considerar toda comunidade de falantes do Brasil como uma comunidade de fala. Embora que ao analisar algum fenômeno linguístico produzido no português do Brasil, podem-se observar diferentes usos nas diferentes regiões do país.

Nesta pesquisa, toma-se Maceió como comunidade de fala, considerando para análise a fala de 48 nativos que não se afastaram da capital alagoana por período maior que um ano e que possuem pais maceioenses, para que, dessa forma, possa-se ter uma amostra de fala relevante que proporcione a análise da concordância de número no sintagma nominal na língua falada em Maceió.

CAPITULO III

PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Neste capítulo, trata-se dos procedimentos metodológicos pautados na Sociolinguística Variacionista, que foram realizados para a construção do corpus desta pesquisa, como também se apresentam as hipóteses, os objetivos e os critérios de abordagem da variável dependente e das variáveis independentes.

3.1 Hipóteses e objetivos

O presente trabalho tem como objetivo demonstrar por meio de uma análise descritiva, como ocorre a variável dependente concordância de número no SN na língua falada, em Maceió, procurando evidenciar os condicionamentos linguísticos e extralinguísticos que podem influenciar no uso da marca formal de plural no SN.

Para isso, considera-se como dado de análise cada um dos elementos flexionáveis dos sintagmas nominais que possuem duas ou três posições. Se o elemento apresentar a marca formal de plural, considera-se que há concordância, caso contrário, entende-se como ausência de concordância. Sabe-se que o termo concordância não é bem apropriado para todas as situações, considerando que alguns sintagmas apresentam marcação em apenas um elemento (essas coisa toda (5MZY)), não havendo adequação flexional entre os termos.

Nesses casos, o mais exato seria falar em indicação de pluralidade, mas optou-se abordar a nomenclatura utilizada em outras pesquisas, como em Scherre (1988), Brandão (2011), Pinheiro (2012) e Silva (2014), que tratam a marcação de plural em qualquer um dos elementos

do SN como concordância. Busca-se constatar nos dados analisados, nesta pesquisa, as seguintes proposições:

1. A primeira posição do SN é o fator linguístico que mais favorece a marcação de plural, ocorrendo uma queda na segunda posição e a partir dessa, uma linha decrescente em termos de favorecimento do uso do morfema de plural;
2. Artigos, demonstrativos, possessivos, indefinidos e quantificadores tendem a apresentar mais o morfema de plural por geralmente ocorrerem na primeira posição do SN;
3. As classes a esquerda do núcleo são mais propensas a apresentarem a marca formal de plural do que as que se posicionam depois dele, sendo que entre as classes antepostas artigos e demonstrativos são as que mais apresentam concordância nominal por serem as únicas que se posicionam, no corpus analisado, apenas antes do núcleo;
4. Por terem maior contato com a tradição gramatical ensinada e solicitada nas instituições escolares, os falantes com maior nível de escolarização são mais propensos ao uso do morfema de plural do que os que possuem baixa escolarização;
5. Em busca do prestígio social, as mulheres são mais propensas ao uso da concordância nominal do que os homens;
6. Os indivíduos pertencentes à faixa etária intermediária tendem a utilizar mais o morfema de plural no SN do que os demais sujeitos, cujas falas foram analisadas.

Tem-se como objetivo também realizar a comparação dos resultados desta pesquisa com os verificados em outros estudos realizados em outros municípios brasileiros, a fim de observar como se realiza a concordância nominal no PB, contribuindo, dessa forma, para a ampliação do conhecimento sobre o fenômeno e para o contínuo de investigações referente ao tema. Apresentam-se, na próxima subseção, os grupos de fatores linguísticos e sociais que norteiam as proposições mencionadas.

3.2 Descrição das variáveis sociais e linguísticas

Nos dois primeiros capítulos deste trabalho, descrevem-se sucintamente alguns pontos abordados por pesquisas realizadas em diferentes municípios brasileiros, que analisaram a concordância nominal no PB e verificou-se a relação de alguns fatores com o uso do morfema de pluralidade no SN. Então, tomando por base esses estudos, consideram-se, no presente trabalho, as variáveis extralingüísticas escolaridade, sexo e faixa etária e as variáveis linguísticas posição linear, classe gramatical e relação da classe gramatical com o núcleo, cujos critérios de análise são explanados a seguir.

3.2.1 Variáveis sociais

Na busca pela compreensão da correlação entre o uso linguístico e o meio social, tomam-se para análise neste trabalho as variáveis sociais escolaridade, sexo e faixa etária. O primeiro se tem mostrado relevante em diversas pesquisas sobre a concordância nominal, como explanado no primeiro capítulo, o que pode estar relacionado ao fato de as instituições escolares darem enfoque à tradição grammatical que

prescreve a concordância obtida por meio da relação entre os termos determinantes e os termos determinados.

Entendendo isso, busca-se verificar como os anos de escolarização do falante atrelam-se ao fenômeno linguístico em estudo. Para isso, são considerados quatro níveis distintos de escolaridade: baixa escolaridade (até o 5º ano), ensino fundamental (do 6º ao 9º ano), ensino médio (completo ou não) e ensino superior (completo ou não). Assim, parte-se do pressuposto de que quanto maior o nível de escolarização mais o falante apresenta em sua fala o morfema de plural nos elementos do SN, o que pode indicar variação estável da concordância nominal em Maceió.

De acordo com Labov (1981), além do nível de escolaridade do falante, o fator faixa etária também contribui para o entendimento desse tipo de variação, uma vez que em uma situação de variação estável geralmente há distribuição plena sem graduação etária ou distribuição curvilinear indicando graduação etária com o uso das formas mais prestigiadas nas faixas etárias intermediárias.

Seguindo essa perspectiva, abordam-se, nesta pesquisa, três faixas etárias: 16 aos 35, dos 36 aos 55 e de 56 aos 80 anos e, a partir da comparação dos dados estatísticos delas, busca-se identificar e compreender a dinâmica da língua falada em Maceió em relação à concordância nominal. Outro fator que se tem mostrado relevante no estudo dessa variável linguística é o sexo. Como explanado no segundo capítulo, há uma tendência geral das mulheres se aproximarem da norma de maior prestígio e os homens se distanciarem dela.

Scherre (1988) destaca, porém, que o papel do fator sexo na delimitação da variação estável ou do processo de mudança linguística não é muito claro, visto que é normalmente aceito que as mulheres se aproximam mais da norma de prestígio do que os falantes do sexo

oposto quando há variação estável (cf. Chambers & Trudgill, 1980, p.73). E que o prestígio social que a variante em ascensão possui e os papéis sociais desenvolvidos pelos diferentes sexos impulsionam as mudanças linguísticas.

De maneira que em uma sociedade em que se espera da mulher um mais conservador, ela tende a liderar o uso da forma linguística mais prestigiada, enquanto os homens as mais desprestigiadas. Do mesmo modo que em sociedades em que se espera dos homens atitudes mais conservadoras, como nas sociedades muçulmanas, a implementação e maior uso de variantes prestigiadas ocorrem entre falantes do sexo masculino.

Considerando isso, entende-se que em sociedades em que o sexo feminino desenvolve um papel social mais conservador, as mulheres tendem a utilizar mais as formas linguísticas mais prestigiadas do que os homens, independente do fenômeno linguístico envolver mudança ou variação estável.

Com base nisso, busca-se, nesta pesquisa, verificar a relação entre o sexo e o comportamento linguístico dos maceioenses, partindo do pressuposto de que as mulheres apresentam mais o morfema de plural nos constituintes do SN do que o sexo oposto. Com o intuito de ampliar o entendimento sobre a concordância nominal, busca-se também analisar sua relação com os fatores linguísticos a seguir.

3.2.2 Posição linear

Com essa variável, observa-se a posição linear que cada elemento ocupa no SN e como isso se relaciona com o uso da marca de plural, partindo do pressuposto de que a primeira posição do SN sempre é marcada, enquanto que nas demais há variação no uso do morfema de

plural, o que é justificado, de acordo com Scherre (1988), pelo princípio da economia. Exemplifica-se, a seguir, as posições trabalhadas neste estudo, destacando, em negrito, o item analisado.

- Primeira posição
 - (04) **algumas** coisa (14FV)
 - (05) **as** outras linhas (24FV)
- Segunda posição
 - (06) boas **coisas** (14MV)
 - (07) as **minhas** filha (24MV)
- Terceira posição
 - (08) todos os **dia** (15FV)
 - (09) os seus **filhos** (15FV)

3.2.3 Classe gramatical dos elementos no SN

Como relatado no segundo capítulo, o estudo sobre a classe gramatical dos elementos do SN no PB foi introduzido por Scherre (1988), que considera a seguinte categorização para a construção da análise: três fatores nucleares (substantivo, categoria substantivada e pronome pessoal de terceira pessoa), três fatores não nucleares (adjetivo, quantificador e possessivo) e demais classes não nucleares

(artigo, demonstrativo, indefinido e adjetivo 2).

Neste trabalho, diferente de Scherre (1988), considera-se apenas o fator nuclear substantivo. Já na análise das classes não nucleares, considera-se as mesmas categorias de Scherre (1988), exceto a de adjetivo 2, pois, enquanto a autora divide em sua análise os adjetivos em dois grupos, que são: adjetivo 2, que aborda termos como determinado, mesmo e próprio que possuem classificação controvertida; e o grupo rotulado de adjetivo, que aborda os avaliativos, deverbais, indicativos de nacionalidade, etc. Para este trabalho, considera-se ambos os tipos em um único grupo.

Assim como Scherre (1988), considera-se, neste estudo, o quantificador indefinido todo (s) e o feminino correspondente. Quanto à classe artigo, considera-se nela apenas os artigos definidos, enquanto que os artigos indefinidos são abordados na classe dos indefinidos, assim como os pronomes indefinidos.

Para análise da variável classe gramatical, parte-se do pressuposto, baseando-se no princípio da economia, que qualquer classe localizada na primeira posição apresenta mais marcação do que quando ocorre em outras posições, de modo que artigos, demonstrativos, possessivos, indefinidos e quantificadores favorecem o uso do morfema de plural por geralmente ocorrerem nessa posição. Para melhor compreensão da categorização adotada neste estudo, exemplificam-se, no quadro, a seguir, o fator nuclear e os não nucleares descritos.

Quadro 02 - Fator nuclear e os não nucleares adotados para análise da classe gramatical neste trabalho.

Grupos	Fatores	Exemplos
elemento nuclear	Substantivo	os filho (17FZ) as perna (14MV) essas pessoa (14MV)
elementos não nucleares	Adjetivo	boas coisa (14MV) pessoas errada (24MV) famílias humildes (15MV)
	Quantificador	todos os dia (14VM) todas as área (26MX) todas as escolas (17FZ)
	Possessivo	os meus alunos(17FZ) nossos filho (14MV) as minhas filha (24MV)
	Artigo	os centros comunitário (14MV) as crianças (15FX) as pergunta (24FV)
	Demonstrativo	aqueles elementos (25MX) esses rapazes (14MV) aqueles protesto (15MV)
	Indefinido	algumas coisas (14FV) uns tempo (14FV) uns diretores (15FV)

Fonte: Autora (2016)

3.2.4 Relação da classe gramatical com o núcleo

Como apresentado no capítulo anterior, Scherre (1988) considera em sua análise a relação da classe gramatical com o núcleo ao abordar a variável tríade posição/classe/relação, e constata que as classes não nucleares que se posicionam antes do núcleo tendem a apresentar mais

o morfema de plural do que as pospostas, ou seja, as classes a esquerda do núcleo e consequente mais próximas ao início do SN tendem a reter mais a informação de pluralidade, o que está relacionado ao princípio da economia.

Neste trabalho, busca-se observar se o fator relação comporta-se da mesma forma na língua falada em Maceió, e quais classes não nucleares antepostas são mais propensas a apresentarem a marca de plural. Para isso, parte-se do pressuposto de que as classes que ocorrem apenas antes do núcleo no corpus analisado (artigos e demonstrativos) são mais marcadas do que as demais que ocorrerem antepostas ou pospostas ao núcleo. Descrevem-se, a seguir, as classes gramaticais não nucleares analisadas.

- Classe não nuclear anteposta ao núcleo (constituída pelos indefinidos, artigos, possessivos, adjetivos, demonstrativos e quantificadores)
 - (10) muitas vez (4fvw)
 - (11) as pernas (14MV)
 - (12) os meus filhos (15FX)
 - (13) os próprios políticos (17MX)
 - (14) esses temas (15MV)
 - (15) todos os dia (4fvw)
- Classe não nuclear posposta ao núcleo (constituída pelos possessivos, adjetivos e quantificadores)
 - (16) muitos amigo meu (4FXY)
 - (17)os filhos rebelde (24MX)
 - (18) essas coisa toda(5MZY)

3.2.5 Dados não considerados

Em função de características particulares de alguns dados, optou-se, neste trabalho, não considerá-los, evitando, com isso, o possível comprometimento dos resultados do estudo. Assim, excluem-se as locuções prepositivas (ex: às vezes é briga (14FX)), os sintagmas nominais preposicionais (ex: filhos de pastores (14FX)), os sintagmas nominais com orações adjetivas (ex: desses protesto que tá tendo (15MV)); e o pronome possessivo dele, por não se referir à coisa possuída, mas ao possuidor (ex: os filho dele (14FX)).

3.3 Constituição da amostra e alguns procedimentos metodológicos

Os dados de fala que constituem o corpus de análise desta pesquisa são de 48 falantes nativos de Maceió e foram retirados do banco de dados Descrição e Análise de Aspectos Gramaticais e Variacionais de Línguas Brasileiras. Eles apresentam um total de 1594 sintagmas nominais que possuem duas ou três posições e 3432 elementos que podem receber o morfema de plural.

Na coleta desses dados, utilizaram-se dois instrumentos de investigação: a entrevista estruturada e a entrevista livre desenvolvida sobre temas do cotidiano, como política e profissão. Com o primeiro instrumento, colheu-se informações sobre os aspectos sociais dos informantes, como idade, sexo e escolaridade; e com o segundo (que durou em média 30 minutos com cada entrevistado) registrou-se amostras de suas falas.

Os indivíduos selecionados para as entrevistas foram estratificados pelos seguintes critérios: sexo (feminino e masculino), escolaridade

(baixa escolaridade (até o 5º ano), ensino fundamental (do 6º ao 9º ano), ensino médio (completo ou não) e ensino superior (completo ou não)) e idade (dos 16 aos 35, dos 36 aos 55 e de 56 a 80 anos) e compuseram a cédula ilustrada a seguir:

Quadro 03 - cédula que aborda os graus de escolaridade, os sexos e as faixas etárias dos sujeitos de investigação desta pesquisa.

Sujeitos da investigação					
Sexo masculino			Sexo feminino		
Baixa escolaridade			Baixa escolaridade		
primeira faixa etária	segunda faixa etária	terceira faixa etária	primeira faixa etária	segunda faixa etária	terceira faixa etária
2	2	2	2	2	2
Ensino Fundamental			Ensino Fundamental		
primeira faixa etária	segunda faixa etária	terceira faixa etária	primeira faixa etária	segunda faixa etária	terceira faixa etária
2	2	2	2	2	2
Ensino Médio			Ensino Médio		
primeira faixa etária	segunda faixa etária	terceira faixa etária	primeira faixa etária	segunda faixa etária	terceira faixa etária
2	2	2	2	2	2
Ensino superior			Ensino superior		
primeira faixa etária	segunda faixa etária	terceira faixa etária	primeira faixa etária	segunda faixa etária	terceira faixa etária
2	2	2	2	2	2
Total: 24			Total: 24		

Fonte: Autora (2016)

Para fins de análise e proteção dos dados pessoais, construíram-se códigos para identificação dos áudios que inclui o número atribuído ao informante e informações sobre os fatores sociais considerados, como ilustrado abaixo.

- Número do áudio (1 ou 2)
- Escolaridade (4 - Baixa Escolaridade, 5 - Ensino Fundamental, 6 - Ensino Médio e 7 - Ensino Superior)
- Sexo (F- Feminino e M- Masculino)
- Faixa Etária (V- primeira faixa etária, X- segunda faixa etária e Z-terceira faixa etária)

Observe-se o exemplo:

(19) Naqueles meses (14FV)

Com base nesse código, entende-se que o informante é o primeiro de sua cédula que possui baixa escolaridade e é uma mulher pertencente à faixa etária de 16 a 35 anos. Para a transcrição dos dados, que tem como objetivo básico “transpor o discurso falado, da forma mais fiel possível, para registros gráficos mais permanentes, necessidade que decorre do fato de não conseguirmos estudar o oral através do próprio oral” (Paiva, 2003, p. 135), considerou-se o modelo de transcrição ortográfica descrito por PRETI (1999) e adotado pelo NURC/SP, transcrito, a seguir:

Quadro 04: modelo de transcrição adotado nesta pesquisa.

Ocorrências	Sinais
Incompreensão de palavras ou segmentos	()
Hipóteses do que se ouviu	((hipótese))
Truncamento (havendo homografia, usa-se acento indicativo da tônica e/ou timbre)	/
Entonação enfática	Maiúscula
Prolongamento de vogal e consoante (como s, r)	::podendo aumentar para ::::: ou mais
Silabação	-
Interrogação	?
Qualquer pausa	...
Comentários descritivos do transcritor	((minúscula))
Comentários que quebram a sequência temática da exposição: desvio temático	- - -
Superposição, simultaneidade de vozes	Ligando as linhas
Indicação de que a fala foi tomada ou interrompida em determinado ponto.	(...)
Citações literais de textos	“entre aspas”
Iniciais maiúsculas: só para nomes próprios ou para siglas Fáticos: ah, éh, ahn, ehn, uhn, tá Nomes de obras ou nomes comuns estrangeiros são grifados. Números por extensos. Não se indica o ponto de exclamação (frase exclamativa) Não se anota o cadenciamento da frase. Podem-se combinar sinais. Por exemplo: oh::::. (alongamento e pausa) Não se utilizam sinais de pausa, típicas da língua escrita, como ponto e vírgula, ponto final, dois pontos, vírgula.	

Fonte: Autora (2016)

Após a transcrição dos áudios, selecionaram-se os sintagmas nominais para análise e utilizou-se o programa computacional GoldVarb X, que acomoda os dados de variação e aponta estatisticamente os fatores significativos para análise. A princípio, verificou-se com o programa o efeito de cada variável independente no

uso da concordância nominal, e posteriormente realizaram-se os seguintes cruzamentos: posição linear e relação da classe com o núcleo; sexo e escolaridade; faixa etária e escolaridade e faixa etária e sexo, a fim de ampliar o entendimento da influência dos fatores condicionantes no uso do morfema de plural.

Portanto, busca-se através deste trabalho, entender quais fatores linguísticos e extralinguísticos se relacionam com o uso da concordância nominal, em Maceió. Considerando que os dados contabilizados pelo programa computacional abordado servem para refutar ou não hipóteses, auxiliando, com isso, o trabalho sociolinguístico que tem, como objetivo, não uma análise mecânica de número, mas o entendimento do funcionamento da língua.

CAPITULO IV

ANÁLISE DOS DADOS

Na construção de uma análise de dados pautada na Sociolinguística Variacionista, busca-se identificar, entender e explicar a correlação entre o uso linguístico e o contexto social. Seguindo essa concepção, neste capítulo, constrói-se um exame da correlação do uso da concordância de número no SN na língua falada por nativos de Maceió com as variáveis sociais escolaridade, sexo e faixa etária, como também se tomam para análise as variáveis linguísticas posição linear, classe gramatical e relação da classe gramatical com o núcleo.

De início, analisa-se o efeito de cada uma dessas variáveis abordadas isoladamente e, posteriormente, são realizados alguns cruzamentos entre elas, a fim de ampliar a compreensão dos dados. Os resultados quantitativos em relação à influência de cada fator, em termos de peso relativo, serão interpretados da seguinte forma: quando o valor for igual a 0,50 o fator é neutro em relação ao uso da marca de plural; quando for menor que 0,50 o fator desfavorece a marcação de plural e ao apresentar peso relativo acima de 0,50 o fator favorece o uso da marca.

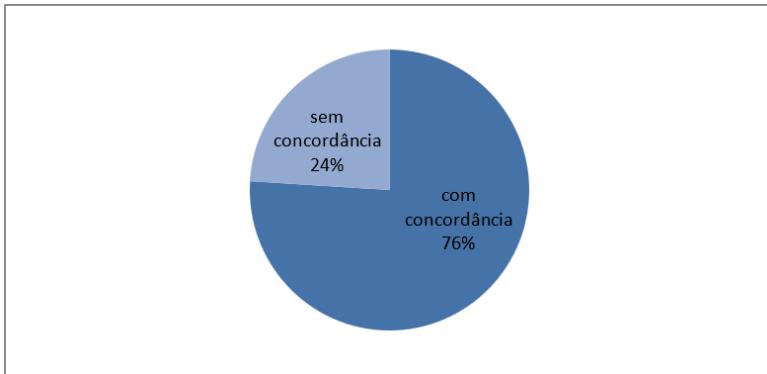
Após a análise inicial, constrói-se a análise comparativa dos resultados dos dados obtidos na capital alagoana com as conclusões de outras pesquisas sobre o mesmo fenômeno linguístico que foram realizadas em outros municípios brasileiros, a fim verificar se há particularidades no uso linguístico de Maceió em relação à concordância nominal contribuindo, dessa forma, para o entendimento da realização do fenômeno linguístico no Brasil.

4.1 Resultados iniciais

Como mencionado no capítulo anterior, este trabalho toma como variável dependente a concordância de número no SN na língua falada em Maceió, para isso considera-se como dado de análise cada um dos elementos flexionáveis dos sintagmas nominais que possuem duas ou três posições e considera-se que há concordância quando o elemento apresenta marcação formal de plural, caso contrário entende-se como ausência de concordância.

Partindo da perspectiva sociolinguística de que há a possibilidade de sistematizar a variação existente e própria da língua falada, e que essa variação correlaciona-se tanto a fatores internos como a fatores externos ao sistema linguístico, utiliza-se o programa computacional GoldVarb X que acomoda os dados de variação e aponta estatisticamente os fatores significativos para análise.

Com a contabilização dos dados verificou-se que dos 3432 dados de fala analisados, 2596 apresentam concordância de número enquanto 836 não a apresentam, isto é, 76% dos dados apresentam a marca de plural enquanto 24% não são marcados. Esses resultados são ilustrados no gráfico a seguir.

Gráfico 1 - Resultado da marcação de plural no SN

Fonte: Autora (2016)

Observou-se ainda após a análise quantitativa que a variável linguística classe gramatical apresenta-se como não significativa para a marcação de plural no SN. Os demais fatores abordados, por sua vez, mostram-se correlacionados com essa marcação e apresentam os seguintes resultados:

Quadro 05: Resultados estatísticos dos fatores sociais e linguísticos em relação ao uso da marca de plural no SN

Variável	Fatores	Total de casos	Presença de marca de plural	%	P.R.
Escolaridade	4. baixa escolaridade	792	491	62	0,20
	5. fundamental	741	543	73	0,44
	6. médio	922	686	74	0,46
	7. superior	977	876	90	0,80
Faixa etária	V. 16 a 35 anos	1433	1190	83	0,67
	X. 36 a 55 anos	1040	747	72	0,40
	Z. 56 a 80 anos	959	659	69	0,34
Sexo	F. feminino	1772	1340	76	0,53
	M. masculino	1660	1256	76	0,46
Posição linear	1. primeira posição	1594	1582	99	0,84
	2. segunda posição	1594	900	56	0,20
	3. terceira posição	244	114	47	0,14
Relação da classe com o núcleo	Y. indefinido e quantificador antepostos	292	285	98	0,56
	S. artigo e demonstrativo antepostos	1196	1190	99	0,84
	G. possessivo anteposto	147	140	95	0,84
	X. adjetivo anteposto	30	27	90	0,35
	P. possessivo, adjetivo e quantificador pospostos	176	103	59	0,27

Fonte: Autora (2016)

Como pode ser verificado no quadro 5, as variáveis extralingüísticas escolaridade, faixa etária e sexo e as variáveis linguísticas posição linear e relação da classe gramatical com o núcleo apresentam pesos relativos que apontam para a correlação delas com o uso do morfema de plural no SN, sendo que, entre as extralingüísticas, a escolaridade está mais relacionada com o uso da marca, enquanto que entre as

variáveis linguísticas a posição linear destaca-se nesse aspecto. Os resultados estatísticos de cada variável são tratados nas subsecções a seguir, assim como os resultados alcançados com os cruzamentos de algumas delas.

4.1.1 Escolaridade

Um dos objetivos assumidos pela escola é o ensino da norma descrita nos compêndios gramaticais e trabalhada como a única correta na maioria dos livros didáticos. Esse ensino pode atrelar-se ao uso linguístico do falante, que é estimulado durante sua escolarização a substituir o uso de variantes estigmatizadas pela norma tida como “correta”, como o uso da variante da concordância nominal, que apresenta a marca de plural em apenas um elemento; como em *As menina bonita*, pela variante de maior prestígio social que requer a adequação flexional dos termos determinantes aos termos determinados, como em *As meninas bonitas*.

A fim de verificar a correlação entre os anos de exposição à escola e o uso linguístico, algumas pesquisas sobre a concordância nominal no PB adotaram em suas análises o fator escolaridade, entre elas as que foram desenvolvidas por Brandão (2011), Pinheiro (2012) e Silva (2014), sucintamente descritas no primeiro capítulo deste trabalho. Essas pesquisas constataram que quanto mais alto o nível de escolaridade, mais o falante tende apresentar em sua fala a marca de plural no SN.

Neste estudo, como já mencionado, toma-se para análise amostras de fala de 48 informantes, sendo que: 12 possuem baixa escolaridade; 12 possuem ensino fundamental (completo ou não); 12 possuem ensino médio (completo ou não) e 12 possuem ensino superior (completo ou

não) e levanta-se a hipótese que em Maceió os falantes com maior nível de escolarização utilizam mais a marcação de pluralidade no SN do que os que possuem baixa escolaridade. O quadro a seguir exibe os resultados referentes a esse fator extralingüístico.

Quadro 06 - Efeito da variável escolaridade na presença de marca plural em elementos do SN

Fatores	Frequência	%	P.R.
Baixa Escolaridade	491/792	62	0,20
Ensino Fundamental	543/741	73	0,44
Ensino Médio	686/922	74	0,46
Ensino Superior	876/977	90	0,80

Fonte: Autora (2016)

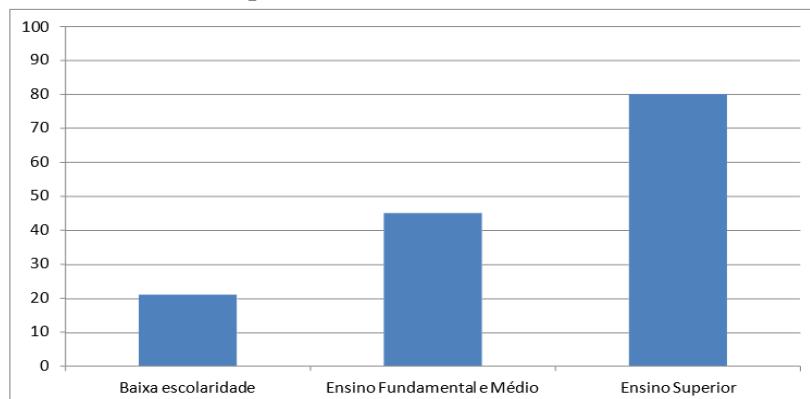
Como depreende-se dos dados acima, há uma relação diretamente proporcional entre o nível de escolarização e o uso da marca de plural no SN, pois com o aumento do nível de escolarização aumenta-se o uso de concordância o que sinaliza, de acordo com Labov (2008[1972]), que o fenômeno linguístico encontra-se em variação estável.

Pode-se observar ainda, com os pesos relativos, que a baixa escolaridade, o ensino fundamental e o ensino médio não se relacionam positivamente com o uso do morfema de plural no SN, sendo que o primeiro apresenta valor muito abaixo do ponto neutro, enquanto que o ensino fundamental e o médio comportam-se de modo semelhante e apresentam valores próximos de 0,50.

O ensino superior, por sua vez, apresenta-se como favorecedor da

marcação de plural com peso relativo de 0,80, ocorrendo por isso uma oposição acentuada entre baixa escolaridade e ensino superior. Confirmando, dessa forma, a hipótese de que em Maceió os falantes com maior nível de escolarização utilizam mais a marcação de pluralidade no SN do que os que possuem baixa escolaridade. O gráfico a seguir ilustra essa oposição e o peso relativo do ensino fundamental e médio quando amalgamados.

Gráfico 2 - Efeito da variável escolaridade, com amalgama do ensino fundamental e ensino médio, na presença da marca de plural em elementos do SN



Fonte: Autora (2016)

Portanto, pode-se constatar através da análise do fator extralingüístico escolaridade que, na comunidade de fala maceioense, o uso do morfema de plural no SN relaciona-se proporcionalmente aos anos de exposição à escola demonstrando que a variação da concordância nominal atrela-se às exigências sociais refletidas nas práticas escolares.

4.1.2 Sexo

Como mencionado nos capítulos anteriores, a diferenciação sexual relaciona-se ao prestígio social das formas linguísticas, uma vez que, de acordo com Labov (2008[1972]) e Paiva (1992), as mulheres demonstram uma sensibilidade para as formas linguísticas de prestígio em sociedades em que se espera delas um comportamento conservador e possuem uma participação decisiva nos fenômenos de mudança em direção às formas prestigiadas.

Labov (2008[1972]) e Chambers e Trudgill (1980) também sinalizam para essa sensibilidade em situação de variação que não envolve mudança, ou seja, em variação estável, sendo por isso, relevante de acordo com Scherre (1988) considerar que há uma tendência geral do sexo feminino em se aproximar mais da norma de maior prestígio do que o sexo oposto, em sociedades que o sexo feminino desenvolve um papel mais conservador, independente se o fenômeno linguístico envolve mudança ou variação estável.

No Brasil, as pesquisas realizadas sobre a concordância nominal no PB, como a de Silva (2014), geralmente apontam que as mulheres são mais propensas ao uso do morfema de plural em todos os elementos flexionáveis do SN do que os homens, ou seja, elas demonstram maior sensibilidade à variante de maior prestígio social do que o sexo oposto. Considerando isso e com base na afirmativa de Scherre (1988), esta pesquisa possui como hipótese, em relação à variável sexo, que as mulheres tendem a utilizar mais a marca de plural do que o sexo masculino. O quadro abaixo apresenta o resultado da correlação entre o sexo do falante e a marcação de plural.

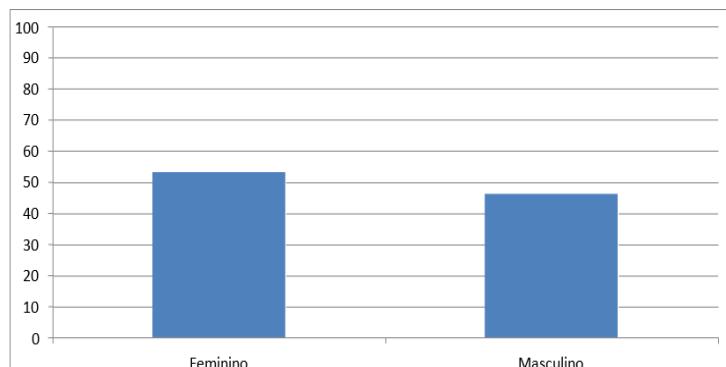
Quadro 07 - Efeito da variável sexo na presença da marca de plural em elementos do SN

Sexo	Frequência	%	P.R.
Feminino	1340/1772	76	0,53
Masculino	1256/1660	76	0,46

Fonte: Autora (2016)

Ao observar os pesos relativos apresentados no quadro 7 percebe-se que homens e mulheres assemelham-se em relação ao uso da concordância nominal, apresentando pesos relativos próximos. No entanto, observa-se que o sexo feminino tende a utilizar mais o morfema de plural no SN (0,53) do que o sexo masculino (0,46), confirmando a hipótese desta pesquisa, o que é melhor visualizado no gráfico a seguir.

Gráfico 3 - Efeito da variável sexo na presença da marca de plural em elementos do SN



Fonte: Autora (2016)

Com o intuito de ampliar o entendimento sobre essa variável, analisa-se a relação do sexo com a escolaridade e constata-se que o efeito da variável sexo no uso da marca de plural no SN atrela-se ao grau escolaridade do informante, conforme os dados a seguir.

Quadro 08 - Cruzamentos das variáveis sexo e escolaridade

Sexo	Baixa Escolaridade			Ensino Fundamental			Ensino Médio			Ensino Superior		
	Freq.	%	P.R.	Freq.	%	P.R.	Freq.	%	P.R.	Freq.	%	P.R.
Feminino	319/509	63	0,32	304/392	78	0,50	351/464	76	0,47	366/407	90	0,72
Masculino	172/283	61	0,31	239/349	68	0,38	335/458	73	0,44	510/570	89	0,71

Fonte: Autora (2016)

Como pode ser observado no quadro 8, os pesos relativos sinalizam que entre os falantes que possuem baixa escolaridade, quase não há diferença no uso linguístico dos diferentes sexos em relação à concordância nominal. O mesmo ocorre entre os que possuem nível médio ou superior, não confirmando a proposição de Scherre (1988) de que há uma tendência do sexo feminino em se aproximar mais da norma de maior prestígio.

O grupo dos informantes que possuem ensino fundamental, por sua vez, comporta-se de forma distinta dos demais, apresentando peso relativo mais alto no sexo feminino, conforme previsão de Scherre (1988). Os pesos relativos também indicam que independente do sexo os informantes que possuem ensino superior são mais propensos ao uso do morfema de plural no SN do que os que possuem os demais níveis de escolaridade. Logo, a relação entre sexo e concordância nominal mostra-se relacionada ao fator escolaridade, sendo determinante o nível de escolaridade do falante.

4.1.3 Faixa etária

Como mencionado no segundo capítulo, as pesquisas sociolinguísticas que tomam para análise a concordância nominal no PB têm observado a correlação do fator faixa etária e o uso da marca de plural no SN a fim de identificar se a concordância nominal no PB encontra-se em variação estável ou em mudança em progresso.

Baseando-se em Labov (2008[1972]), consideram que em variação estável geralmente há distribuição plena sem graduação etária ou distribuição curvilinear indicando graduação etária com o uso das formas mais prestigiadas nas faixas etárias intermediárias, enquanto que a mudança em progresso se caracteriza pela distribuição inclinada, com os falantes mais jovens apresentando maior propensão ao uso das formas inovadoras.

Vale ressaltar, porém, que além dos resultados obtidos com o fator faixa etária, considera-se nesses estudos a correlação entre o uso da marca de plural e o nível de escolaridade e o sexo do falante, uma vez que constatar diferença etária não é considerado condição suficiente para a existência de mudança linguística, pois pode indicar apenas graduação de idade.

Diante disso, analisa-se neste trabalho a relação do fator faixa etária com a concordância nominal e levanta-se a hipótese que, em Maceió, a marca de plural no SN é mais utilizada entre os falantes da faixa intermediária. O quadro a seguir ilustra as três faixas etárias abordadas e os seus respectivos resultados.

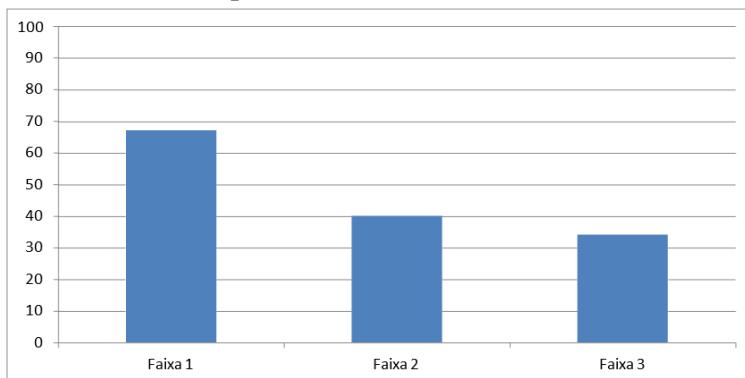
Quadro 09 - Efeito da variável faixa etária na presença da marca plural em elementos do SN

Faixa Etária	Frequência	%	P.R.
De 16 aos 35	1190/1433	83	0,67
De 36 aos 55	747/1040	72	0,40
De 56 a 80	659/959	69	0,34

Fonte: Autora (2016)

Como pode ser observado no quadro 9, os pesos relativos apresentam-se em ordem decrescente e apontam a faixa etária mais nova como a única favorecedora do uso da marca de pluralidade, contrariando a hipótese de que haveria uma distribuição curvilinear entre as faixas etárias, com a intermediária destacando-se no uso da marca. Esses resultados podem ser melhor visualizados no gráfico abaixo.

Gráfico 4 - Efeito da variável faixa etária na presença da marca de plural em elementos do SN



Fonte: Autora (2016)

Com o intuito de ampliar a compreensão da relação entre a idade e a concordância nominal no SN realiza-se a seguir o cruzamento dos resultados dos grupos de fatores faixa etária, escolaridade e sexo do falante. Através do cruzamento da variável faixa etária com o grau de escolaridade, apresentado no próximo quadro, verifica-se com os pesos relativos que há uma proximidade do uso do morfema de plural, independente da idade, entre os falantes que possuem baixa escolaridade, como também entre os que possuem nível superior.

Ao observar, porém, os dados dos falantes que possuem ensino fundamental ou médio, percebe-se a diminuição inversamente proporcional do uso do morfema em relação ao aumento da idade, ou seja, os jovens de 16 a 35 anos tendem a utilizar mais a marca de pluralidade do que os das faixas etárias mais altas nesses grupos. Com os dados abaixo, se pode constatar também que independente da faixa etária os falantes que possuem nível superior apresentam mais o morfema de plural em suas falas do que os que possuem baixa escolaridade, o que sinaliza para o aumento dos índices de concordância em razão da influência da escola.

Quadro 10 - Cruzamentos das variáveis faixa etária e escolaridade

Escolaridade	De 16 aos 35			De 36 aos 55			De 56 a 80		
	Freq.	%	P.R.	Freq.	%	P.R.	Freq.	%	P.R.
Baixa Escolaridade	224/351	64	0,32	124/209	59	0,28	143/232	62	0,30
Ensino Fundamental	246/294	84	0,58	179/256	70	0,39	118/191	62	0,31
Ensino Médio	341/378	90	0,71	197/294	67	0,36	148/250	59	0,28
Ensino Superior	379/410	92	0,77	247/281	88	0,66	250/286	87	0,65

Fonte: Autora (2016)

Sobre a relação entre a idade e o sexo dos falantes, observa-se que homens e mulheres, independente da faixa etária, apresentam pesos relativos próximos, sendo que o sexo feminino apresenta-se como um pouco mais sensível ao uso da concordância nominal do que o sexo oposto, exceto entre os informantes da última faixa etária. Verifica-se ainda que homens e mulheres de 16 a 35 anos favorecem a marcação de plural, o que pode estar relacionado ao ingresso no mercado de trabalho (Cf. Scherre, 1988, p. 522).

Quadro 11 - Cruzamentos das variáveis faixa etária e sexo

Sexo	De 16 aos 35			De 36 aos 55			De 56 a 80		
	Freq.	%	P.R.	Freq.	%	P.R.	Freq.	%	P.R.
Feminino	612/723	85	0,63	408/560	73	0,45	320/489	65	0,37
Masculino	578/710	81	0,58	339/480	71	0,43	339/470	72	0,45

Fonte: Autora (2016)

Portanto, com a análise da correlação do fator faixa etária e a concordância nominal na língua falada em Maceió constata-se que os falantes mais jovens, de ambos os sexos, tendem a apresentar mais em suas falas a marca de plural no SN do que os pertencentes às faixas etárias mais altas. Vale ressaltar, no entanto, que independente da faixa etária, os falantes que possuem ensino superior tendem a fazer mais uso da marcação de pluralidade do que os que possuem baixa escolaridade, revelando dessa forma que a escolaridade se sobressai a faixa etária no condicionamento da concordância nominal.

4.1.4 Posição linear

De acordo com Scherre (1988), o comportamento variável da

concordância nominal no PB deve-se a concorrência de duas motivações: o princípio do processamento com paralelismo que impulsiona o uso de formas semelhantes e o princípio da economia que permite a possibilidade de variação ao apresentar a tendência para o mínimo esforço, para a omissão de informações redundantes.

Ao considerar esse princípio, entende-se que ao marcar apenas o primeiro elemento do SN excluem-se as formas redundantes e conserva-se o sentido de pluralidade do SN. Os primeiros trabalhos sociolinguísticos que tomam para análise a concordância nominal têm confirmado essa exclusão e sinalizam para a forte correlação entre o uso da marca formal de plural e o fator linguístico posição linear.

Alguns desses trabalhos, como o de Ponte (1979), concluem que a primeira posição do SN é o fator que mais favorece a marcação de plural, ocorrendo uma queda brusca na segunda posição e a partir desta uma linha decrescente em termos de favorecimento do uso da marca de plural. Outros trabalhos, como o de Scherre (1978), verificam, porém que em alguns grupos de falantes ocorre uma ligeira elevação quando se passa da segunda para terceira posição.

A fim de observar a relação entre a posição linear e a concordância nominal falada em Maceió e com a hipótese de que os elementos na primeira posição do SN retêm a informação de pluralidade ocorrendo uma queda do uso da marca de plural na segunda posição e desta para a terceira um leve decréscimo nesse sentido, abordaram-se, nesta análise, sintagmas nominais compostos por até três posições, exemplificadas a seguir. Os itens em negrito são os que estão em observação.

- 1^a Posição
(19) trabalhos manuais (17FZ)
- 2^a Posição
(20) os meu menino (14FV)
- 3^a Posição
(21) as comunidades carente (15FV)

Com os dados estatísticos contabilizados pelo programa computacional GoldVarb X, alcançou-se os seguintes resultados:

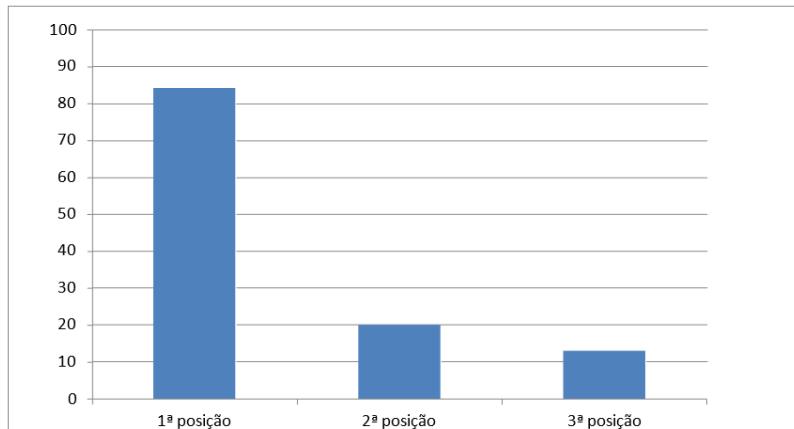
Quadro 12 - Efeito da variável posição linear na presença da marca de plural em elementos do SN

Posições	Frequência	%	P.R.
1 ^a posição	1582/1594	99	0,84
2 ^a posição	900/1594	57	0,20
3 ^a posição	114/244	47	0,14

Fonte: Autora (2016)

Os pesos relativos apresentados acima indicam a primeira posição como a que mais favorece o uso do morfema de plural ocorrendo um decréscimo acentuado a partir da segunda, no entanto, a diferença entre a segunda e a terceira posição pode estar relacionada aos poucos dados dessa última. Esses resultados são melhor visualizados no gráfico a seguir.

Gráfico 5 - Efeito da variável posição linear na presença da marca de plural em elementos do SN



Fonte: Autora (2016)

Verifica-se também nos dados desta pesquisa que a marcação na primeira posição não se mostra categórica ocorrendo sintagmas com morfema de plural a partir da segunda posição, como exemplificado a seguir.

- (22) pro meus filho (6FZY)
- (23) pra pessoas (6FVW)
- (24) no seios (4FVW)

Esse resultado assemelha-se qualitativamente ao alcançado por Scherre (1988) que observa em sua análise 129 sintagmas que não apresentam morfema de plural na primeira posição. De acordo com a autora, em sintagmas que possuem artigo posposto a uma preposição e seguido de um possessivo e/ou um substantivo, como os

exemplificados, os falantes analisam a contração do tipo no e po como uma preposição, ou seja, como uma categoria que não flexiona, ocorrendo por isso marcação de plural a partir da segunda posição.

Portanto, observou-se que, na língua falada na comunidade de fala de Maceió, a posição linear mostra-se correlacionada ao uso da concordância nominal, apontando a primeira posição como o fator que mais favorece a marcação de plural e um declínio de uso da marca a partir da segunda posição.

4.1.5 Relação da classe gramatical com o núcleo

Scherre (1988), em sua tese de doutorado, analisa a concordância nominal de número na língua falada no Rio de Janeiro e propõe a análise da variável posição/classe/relação. Com essa variável, a autora verifica que as classes gramaticais não-nucleares antepostas ao núcleo do sintagma são mais marcadas do que as nucleares, independente das posições que elas ocupam e do que as classes não-nucleares pospostas.

Neste trabalho, como já mencionado, aborda-se posição linear, classe gramatical e relação da classe gramatical com o núcleo como fatores independentes. Ao abordar o fator relação da classe gramatical com o núcleo, busca-se verificar como o comportamento de cada classe em relação ao núcleo correlaciona-se com a concordância nominal e tem-se como hipótese, baseando-se no princípio da economia, que as classes que se apresentam, nas amostras de fala analisadas, apenas anteriores ao núcleo, isto é, os artigos e demonstrativos, são mais propensas a apresentarem concordância nominal.

A seguir, exemplifica-se, com alguns trechos do corpus analisado, a marcação de plural das classes gramaticais antepostas e das pospostas ao núcleo do SN, como também se apresentam os pesos relativos que

apontam para a correlação da relação da classe gramatical com o núcleo e o uso do morfema de plural.

- Classes gramaticais antepostas

Indefinido

(25)

- a. **algumas** coisa (14FV)
- b. as **outras** pessoa (14FX)

Artigo

(26)

- a. **as** perna (14MV)
- b. **os** banco (14MX)

Possessivo

(27)

- a. dos **meus** pais (14MX)
- b. as **susas** necessidade (14FZ)

Adjetivo

(28)

- a. **grandes** milagre (14FZ)
- b. **maus** tratos (17MV)

Quantificador

(29)

- a. **todos** os exame (24FV)
- b. **todos** os dias (24FZ)

- Classes gramaticais pospostas

Possessivo

(30)

- esses filho **meu** (24FZ)
- uns colegas **meus** (17MV)

Adjetivo

(31)

- coisas **boa** (14MV)
- os pés **roxo** (14FZ)

Quantificador

(32)

- essas coisa **toda** (14FX)
- essas pessoas **toda** (27MV)

Quadro 13 - Efeito da relação da classe gramatical com o núcleo

Fatores	Frequência	%	P.R.
Indefinido e quantificador antepostos	285/292	98	0,56
Artigo e demonstrativo antepostos	1190/1196	99	0,84
Possessivo anteposto	140/147	95	0,84
Adjetivo anteposto	27/30	90	0,35
Possessivo, adjetivo e quantificador pospostos	103/176	59	0,27

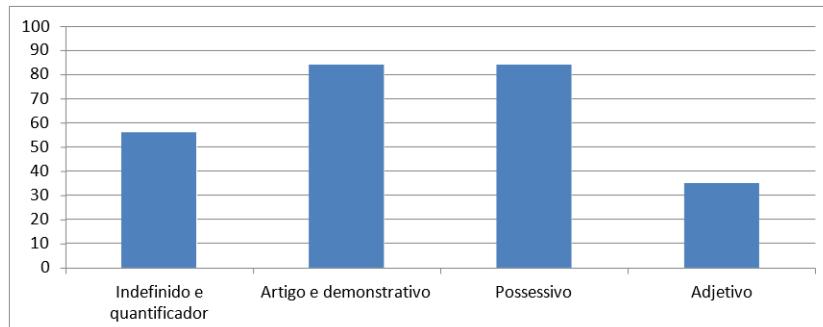
Fonte: Autora (2016)

Como pode ser observado no quadro acima, as classes que se apresentam posteriores ao núcleo tendem a apresentar menos o

morfema de plural do que as classes antepostas. No entanto, em função dos poucos dados daquelas, esta análise se centra nas classes que se posicionam a esquerda do núcleo e verifica-se que artigos, demonstrativos e possessivos são as que mais favorecem o uso do morfema de plural contrariando a hipótese de que classes que se apresentam apenas antes do núcleo são mais propensas a receberem o morfema de plural do que as que também são pospostas.

Observa-se ainda que entre as classes antepostas o adjetivo destaca-se como desfavorecedora do uso do morfema de plural, o que pode refletir a ordem canônica da língua portuguesa que posiciona o adjetivo após o núcleo, o que, de acordo com Scherre (1988) desfavorece a marcação de plural. Os resultados das classes antepostas são melhor visualizados no gráfico a seguir.

Gráfico 6 - Efeito da relação da classe gramatical com o núcleo



Fonte: Autora (2016)

Com o intuito de ampliar o entendimento sobre a correlação das classes gramaticais que se posicionam anteriores ao núcleo e o uso da concordância nominal realiza-se o cruzamento das duas primeiras

posições do SN e as classes antepostas e alcançam-se os seguintes resultados:

Quadro 14 - Cruzamento das primeiras posições do SN e as classes antepostas

Classes antepostas	1 ^a posição			2 ^a posição		
	Frequência	%	P.R.	Frequência	%	P.R.
Indefinido e quantificador	273/277	99	0,82	12/15	80	0,21
Artigo, demonstrativo e possessivo	1218/1224	99	0,93	112/119	94	0,52
Adjetivo	20/21	95	0,57	7/9	78	0,19

Fonte: Autora (2016)

Como visualizado no quadro, independente da posição que ocupem, artigos, demonstrativos e possessivos antepostos destacam-se como favorecedores do uso do morfema de plural enquanto que os adjetivos antepostos apresentam os pesos relativos mais baixos, sendo que, na segunda posição, os adjetivos não favorecem a concordância nominal.

Observa-se também que as classes antepostas quando ocupam a primeira posição tendem a ser mais marcadas do que quando estão na segunda posição do SN, destacando a forte correlação entre o fator posição linear e a concordância nominal.

Portanto, constata-se que, na língua falada em Maceió, a relação da classe gramatical com o núcleo correlaciona-se com a concordância nominal, indicando como maiores favorecedores do uso de morfema de plural artigos, demonstrativos e possessivos antepostos e como desfavorecedor, entre as classes que se posicionam antes do núcleo, o adjetivo.

4.2 Análise comparativa

A concordância nominal no PB tem servido de objeto de análise de diversas pesquisas, entre elas destacou-se no primeiro capítulo Brandão (2011) que analisa a língua falada em Nova Iguaçu, Pinheiro (2012) que toma para análise amostras de fala de residentes de Belo Horizonte e Silva (2014) que estuda a concordância nominal na fala de alagoanos e paulistanos residentes na cidade de São Paulo.

A fim de observar se há particularidades no uso linguístico de Maceió em relação à concordância nominal, comparam-se nesta subseção os resultados alcançados neste trabalho com os das pesquisas mencionadas. Vale ressaltar, porém, que como as pesquisas desenvolvidas por Brandão (2011), Pinheiro (2012) e Silva (2014) tomam como objeto de análise a ausência da marca de plural no SN, faz-se necessário abordar os resultados inversamente proporcionais, ou seja, os que equivalem ao uso da marca de plural.

Entre as variáveis extralingüísticas analisadas nesta pesquisa, a escolaridade destaca-se como o que mais condiciona a concordância nominal. Com esse fator constatou-se que quanto maior o nível de escolaridade do falante mais ele tende a fazer uso da marca formal de plural. No quadro a seguir, compara-se esse resultado com os alcançados em Nova Iguaçu, Belo Horizonte e em São Paulo.

Quadro 15 - Comparação dos dados, em relação a variável escolaridade, constatados nesta pesquisa com os constatados nos trabalhos de Brandão (2011), Pinheiro (2012) e Silva (2014)

Fatores	Brandão (2011)		Pinheiro (2012)		Silva (2014)				Esta pesquisa	
	Iguacuanos		Residentes de Belo Horizonte		Paulistanos		Alagoanos		Maceioenses	
	%	P.R.	%	P.R.	%	P.R.	%	P.R.	%	P.R.
Baixa Escolaridade	—	—	—	—	—	—	—	—	62	0,20
Ensino Fundamental	91	0,38	70	0,29	58	0,26	63	0,39	73	0,44
Ensino Médio	81	0,24	85	0,50	84	0,58	77	0,54	74	0,46
Ensino Superior	97	0,76	99	0,86	—	—	—	—	90	0,80

Fonte: Autora (2016)

Como verificado no quadro 14, a variável escolaridade comporta-se de modo semelhante nas diferentes pesquisas, com maior uso da marca formal de plural entre os mais escolarizados. Ao observar os pesos relativos dos grupos de sujeitos que possuem ensino fundamental, verifica-se que os falantes de Maceió tendem a utilizar mais o morfema de plural do que os demais, embora o ensino fundamental não se apresente como favorecedor do uso de concordância em nenhuma das pesquisas.

Entre os informantes de ensino médio, os paulistanos e os alagoanos que residem em São Paulo apresentam mais o morfema de plural do que os demais informantes que possuem esse nível de escolaridade com pesos relativos de 0,58 e 0,54 respectivamente, enquanto que entre os

maceioenses o ensino médio não se mostra como favorecedor da marca de plural, sinalizando que alagoanos que possuem ensino médio e residem em São Paulo são mais propensos ao uso da concordância nominal do que alagoanos com a mesma escolaridade que residem em Maceió.

O ensino superior, por sua vez, mostra-se como favorecedor da marcação de plural em todas as pesquisas que o abordaram, sendo que os pesos relativos refletem que os residentes de Belo Horizonte tendem a utilizar um pouco mais a concordância nominal do que os maceioenses e iguaçuanos. Com esses resultados comprehende-se que a escolaridade é determinante para o uso da concordância nominal no PB.

Além da variável extralingüística escolaridade, abordou-se também nesta análise a variável sexo e constatou-se com os pesos relativos que homens e mulheres comportam-se de forma parecida em relação ao uso da concordância nominal, sendo que o sexo feminino mostra-se um pouco mais sensível a marcação de plural no SN do que o sexo oposto. No quadro a seguir, compara-se esse resultado com os constatados por Silva (2014) nas amostras de fala de paulistanos e alagoanos que residem em São Paulo.

Quadro 16 - Comparação dos dados, em relação a variável sexo, constatados nesta pesquisa com os constatados no trabalho de Silva (2014)

Sexo	Silva (2014)				Esta pesquisa	
	Paulistanos		Alagoanos		Maceioenses	
	%	P.R.	%	P.R.	%	P.R.
Feminino	77	0,54	77	0,55	76	0,53
Masculino	71	0,47	71	0,47	76	0,46

Fonte: Autora (2016)

Como pode ser observado no quadro 15, os resultados alcançados por Silva (2014), tanto nas amostras de fala dos paulistanos como nas amostras de fala dos alagoanos, aproximam-se aos desta pesquisa, sinalizando que homens e mulheres que residem em São Paulo utilizam a concordância nominal de forma semelhante, ocorrendo, no entanto, uma leve tendência entre as mulheres em fazer mais uso da marca de plural do que o sexo oposto.

Esses resultados confirmam a afirmativa de Scherre (1988) de que ainda há uma tendência geral do sexo feminino em se aproximar mais da norma de maior prestígio, ao tempo que também indicam que, na sociedade brasileira, o comportamento linguístico de homens e mulheres caminha para equiparação, o que pode atrelar-se a busca pela igualdade dos papéis sociais desempenhados pelos diferentes sexos.

Realizou-se também nesta pesquisa a análise da correlação entre a variável extralingüística faixa etária e o uso da concordância nominal e constatou-se que os informantes pertencentes a primeira faixa etária tendem a fazer mais uso da marca de plural do que os pertencentes as faixas etárias mais altas. No quadro a seguir, compara-se esse resultado com os alcançados nas pesquisas de Brandão (2011) e Silva (2014).

Quadro 17 - Comparação dos dados, em relação a variável faixa etária, constatados nesta pesquisa com os alcançados por Brandão (2011) e Silva (2014)

Faixa Etária	Brandão (2011)		Silva (2014)				Esta pesquisa	
	Iguacuanos		Paulistanos		Alagoanos		Maceioense	
	%	P.R.	%	P.R.	%	P.R.	%	P.R.
De 16 aos 35	91	0,52	83	0,48	65	0,37	83	0,67
De 36 aos 55	93	0,59	85	0,61	88	0,70	72	0,40
De 56 aos 80	87	0,36	62	0,43	64	0,37	69	0,34

Fonte: Autora (2016)

Ao observar os pesos relativos acima, verifica-se que tanto no trabalho de Brandão (2011) como na pesquisa desenvolvida por Silva (2014) a faixa etária intermediária destaca-se no uso da marca de plural no SN, apresentando uma distribuição curvilinear e sinalizando a variação estável. Logo, os resultados das amostras de fala dos iguaçuanos, dos paulistanos e dos alagoanos que residem em São Paulo se diferenciam, em peso relativo, dos encontrados em Maceió.

No entanto, em ambas as pesquisas a concordância nominal comporta-se como um fenômeno em variação que não envolve mudança, pois embora as amostras de fala de Maceió apontem que os sujeitos pertencentes à primeira faixa etária são mais propensos ao uso do morfema verificou-se com o cruzamento dos fatores faixa etária e escolaridade que, independentemente da idade, os informantes com maior nível de escolaridade tendem a apresentarem mais em suas falas a marcação de plural, sendo pois mais determinante o nível de escolaridade do que a faixa etária no uso de concordância.

Além das variáveis extralingüísticas já tratadas, mostraram-se como favorecedoras do uso do morfema de plural em Maceió as variáveis linguísticas relação da classe gramatical com o núcleo e posição linear. O primeiro quando tratado nas pesquisas sociolinguísticas que tomam para análise a concordância nominal é observado dentro da variável tríade posição/classe/relação, não sendo por isso possível realizar comparação entre os resultados que são obtidos com os deste trabalho.

Em relação à posição linear, observa-se, neste estudo, que a primeira posição favorece o uso do morfema de plural enquanto as demais o desfavorecem, havendo um declínio linear do uso da marca de plural a partir da segunda posição. No quadro abaixo, compara-se esse resultado com os alcançados em Belo Horizonte por Pinheiro (2012).

Quadro 18 - Comparação dos dados, em relação a variável posição linear, constatados nesta pesquisa com os alcançados por Pinheiro (2012)

Posições	Pinheiro (2012)		Esta pesquisa	
	Residentes de Belo Horizonte		Maceioense	
	%	P.R.	%	P.R.
1ª posição	100	0,90	99	0,84
2ª posição	66	0,14	57	0,20
3ª posição	74	0,13	47	0,13

Fonte: Autora (2016)

Como pode ser observado, o fator linguístico posição linear correlaciona-se com a concordância nominal de modo semelhante em Belo Horizonte e em Maceió, com a primeira posição destacando-se como a que mais favorece o uso do morfema de plural e as demais posições como desfavorecedoras desse uso, sendo que nas amostras de fala analisadas por Pinheiro (2012) os pesos relativos referentes a segunda e a terceira posição são próximos, sinalizando a oposição geral entre primeira e demais posições, enquanto nas amostras desta pesquisa observou-se um declínio mais acentuado da segunda para terceira posição, ou seja, há um declínio gradual e linear na marcação de plural nos elementos do SN.

Portanto, com a comparação dos dados alcançados nesta pesquisa com os verificados em Brandão (2011), Pinheiro (2012) e Silva (2014) observou-se que os fatores escolaridade, sexo e posição linear correlacionam-se com a concordância nominal de forma semelhante em diferentes localidades brasileiras.

Verificou-se nessas pesquisas, assim como neste trabalho, que a primeira posição do SN tende a ser a mais marcada e que informantes

do sexo feminino e com maior nível de escolaridade são mais propensos a fazer uso do morfema de plural. Ao comparar o fator faixa, porém, observou-se que tanto em Brandão (2011) quanto em Silva (2014) a faixa etária intermediária destaca-se no uso da marca formal de plural enquanto que nesta pesquisa os mais jovens destacam-se nesse uso.

CONCLUSÃO

Buscou-se nesta pesquisa analisar a concordância nominal entre os elementos flexionáveis do sintagma nominal, a partir de amostras de fala de 48 nativos de Maceió, seguindo a Teoria da Variação Linguística que concebe a língua como um sistema cuja existência atrela-se ao meio social. Neste capítulo, descrevem-se, resumidamente, os resultados alcançados, buscando destacar as variáveis linguísticas e extralingüísticas que se mostraram favorecedoras ao uso do morfema de plural no SN.

Nas amostras de fala analisadas contabilizou-se 3432 elementos que podem apresentar marca formal de plural e que pertencem a sintagmas com duas ou três posições. Com o auxílio do programa computacional GoldVarb X, verificou-se 76% dos dados apresentam morfema de plural enquanto 24% não o apresentam, isto é, 2596 elementos apresentam concordância de número enquanto 836 não a apresentam.

A fim de verificar quais variáveis condicionam essa marcação de plural abordaram-se as variáveis linguísticas posição linear, classe grammatical e relação da classe grammatical com o núcleo, que são abordadas de forma amalgamada por Scherre (1988), e as variáveis extralingüísticas escolaridade, sexo e faixa etária. Dentre essas variáveis apenas a classe grammatical não se mostrou correlacionada ao uso do morfema de plural. A seguir descrevem-se os resultados alcançados.

- 1) Ao analisar a posição linear verificou-se que a primeira posição favorece a marcação de plural ocorrendo um decréscimo acentuado a partir da segunda posição;
- 2) Quanto a variável relação da classe grammatical com o núcleo

observou-se que as classes que se posicionam anteriores ao núcleo tendem a apresentar mais a concordância nominal do que as pospostas, sendo que artigos, demonstrativos e possessivos são as classes antepostas que mais favorecem o uso do morfema de plural, enquanto os adjetivos que se apresentam anteriores ao núcleo destacam-se como desfavorecedores desse uso;

- 3) Na análise da variável extralingüística escolaridade observou-se que há uma relação diretamente proporcional entre o nível de escolarização e o uso da marca de plural no SN, pois com o aumento do nível de escolarização aumenta-se o uso de concordância;
- 4) Ao abordar a variável extralingüística sexo verifica-se que homens e mulheres assemelham-se em relação ao uso da concordância nominal, apresentando pesos relativos próximos. No entanto, observa-se que o sexo feminino tende a utilizar mais o morfema de plural no SN do que o sexo oposto;
- 5) Em relação à faixa etária observou-se que os mais jovens tendem a fazer mais uso da marca formal de plural do que os falantes pertencentes às faixas etárias mais altas.

Ao abordar para análise as variáveis linguísticas posição linear e relação da classe gramatical com o núcleo, levantaram-se as seguintes hipóteses: a primeira posição do SN é a que mais favorece a marcação de plural ocorrendo um declínio a partir da segunda posição e as classes antepostas ao núcleo do SN tendem a apresentar mais concordância do

que as pospostas, sendo que entre as classes anteriores ao núcleo artigos e demonstrativos são as mais propensas a apresentarem a marca formal de plural.

Como se pode depreender, os resultados alcançados com a variável posição linear corroboram com as proposições quanto que os referentes a relação da classe grammatical distanciam-se delas ao sinalizar que além de artigos e demonstrativos, os possessivos destacam-se como favorecedores da concordância nominal.

Em relação às variáveis extralingüísticas sexo, escolaridade e faixa etária consideraram-se as hipóteses de que o sexo feminino favorece a marcação de plural enquanto o sexo masculino a desfavorece; informantes com maior nível de escolaridade tendem a utilizar mais o morfema de plural do que os que possuem baixa escolaridade e indivíduos pertencentes à faixa etária intermediária utilizam mais a concordância nominal do que os pertencentes as demais faixas etárias.

Com os resultados alcançados, verificou-se que tanto o sexo quanto a escolaridade correlacionam-se com a concordância nominal conforme as proposições, porém os resultados referentes a variável faixa etária não corroboram com a hipótese de que a faixa etária intermediária destaca-se no uso do morfema de plural em Maceió.

A fim de ampliar o entendimento sobre os resultados das variáveis tomadas na análise, realizaram-se os cruzamentos: sexo e escolaridade; faixa etária e sexo; faixa etária e escolaridade e posição linear e relação da classe grammatical com o núcleo. Com o primeiro, verificou-se que independente do sexo os informantes que possuem ensino superior são mais propensos a apresentarem em suas falas o morfema de plural no SN do que os que possuem os demais níveis de escolaridade.

Ao cruzar a faixa etária e o sexo, por sua vez, verificou-se que os falantes mais jovens, de ambos os sexos, tendem a apresentar mais em

suas falas o morfema de plural do que os pertencentes a faixas etárias mais altas. Com o cruzamento das variáveis faixa etária e escolaridade observou-se que independente da faixa etária os falantes que possuem ensino superior são mais propensos ao uso da concordância nominal do que os que possuem baixa escolaridade, sinalizando para forte influência da escola no uso da marca formal de plural no SN.

Com o cruzamento das variáveis linguísticas, observou-se que as classes antepostas que ocupam a primeira posição do SN tendem a apresentar mais a marca de plural do que as que estão na segunda posição. Verificou-se ainda que independente da posição linear artigos, demonstrativos e possessivos antepostos destacam-se como favorecedores da concordância enquanto os adjetivos anteriores ao núcleo e que ocupam a segunda posição a desfavorecem.

Após a análise das variáveis independentes e de seus cruzamentos analisou- se comparativamente os resultados obtidos nesta pesquisa com os alcançados por Pinheiro (2012) que toma para análise amostras de fala de residentes de Belo Horizonte, com os de Silva (2014) que analisa a língua falada por nativos de São Paulo e por alagoanos que residem nessa cidade e com os apresentados por Brandão (2011) que analisa amostras de fala de nativos de Nova Iguaçu.

Ao comparar os dados observou-se que a primeira posição tende a ser a mais marcada no SN e que informantes do sexo feminino e com maior nível de escolaridade são mais propensos ao uso do morfema de plural, tanto em Maceió quanto nas demais cidades mencionadas. Em relação à faixa etária verificou-se que tanto em Brandão (2011) quanto em Silva (2014) a faixa intermediária destaca-se no uso da concordância nominal enquanto que nesta pesquisa os informantes pertencentes à faixa mais baixa destacam-se nesse uso.

Portanto, pode-se verificar que o uso do morfema de plural no SN

na língua falada em Maceió correlaciona-se as variáveis linguísticas posição linear e relação da classe gramatical com o núcleo e as extralingüísticas escolaridade, sexo e faixa etária, apresentando semelhanças e particularidades em relação aos resultados alcançados em outros municípios brasileiros e contribuindo para ampliação do entendimento da variação da concordância nominal no PB.

REFERÊNCIAS

- ANDRADE, L.M. **Rupturas e contínuos da concordância de número em textos orais de informantes de Tubarão (SC) e São Borja (RS).** 2003. Dissertação (Mestrado em Ciências da Linguagem), Universidade do Sul de Santa Catarina, Tubarão, 2003.
- BATTISTI, E. Redes sociais, identidade e variação linguística. In: **Metodologia de coleta e manipulação de dados em sociolinguística.** São Paulo: Edgar Blucher, 2014.
- BRAGA, M. L. **A concordância de número no sintagma nominal no Triângulo Mineiro.** 1977. Dissertação (Mestrado em Língua Portuguesa), Pontifícia Universidade Católica, Rio de Janeiro, 1977.
- BRAGA, M. L.; SCHERRE, M. M. P. A concordância de número no SN na área urbana do Rio de Janeiro. In: **Anais do Encontro Nacional de Linguística,** 1976. Rio de Janeiro: PUC, 1976.
- BRANDÃO, S. F. **Concordância nominal em duas variedades do português:** convergências e divergências. Veredas Atemática 1/2011. Disponível em: <www.ufjf.br/revistaveredas/files/2011/05/Artigo-19-Silvia-Brandão-Paginação.pdf>. Acesso em: 20 de Jun. 2014.
- BRANDÃO, S. F.; VIEIRA, S. R.C. Concordância nominal e verbal no Português do Brasil e no Português de São Tomé: uma abordagem sociolinguística. **PAPIA: Revista Brasileira de Estudos Crioulos e Similares,** 2012.
- CAMPOY, J. M. H.; ALMEIDA, M. **Metodología de la investigación sociolinguística.** Málaga: Editorial Comares, 2005.
- CASTILHO, A. T. **Nova gramática do português brasileiro.** São Paulo: Contexto, 2012.

CAMACHO, R. G. O caráter formalmente complexo das nominalizações. **Revista Estudos Linguísticos**, São Paulo, 2008.

CHAMBERS, J.K.; TRUDGILL, P. **Dialectology**. Cambridge: Cambridge University Press, 1980.

FREITAG, R. M. K. O.; SEVERO, C. G. (Org.). **Mulheres, linguagem e poder: estudos de gênero na sociolinguística brasileira**. São Paulo: Blucher, 2015.

GUMPERZ, J. J. Introduction to part IV. In: GUMPERZ, J. J.; LEVISSON, C. S. (Ed.). **Rethinking linguistic relativity**. Cambridge: Cambridge University Press, 1996. p. 359-373.

GUY, G. R. **Linguistic variation in Brazilian Portuguese: aspects of the phonology, syntax and language history**. 1981. Tese (Doutorado em Linguística). Universidade da Filadélfia, Filadélfia, 1981.

KIESLING, S. F.; PAULSTON, C.B. (Ed.). **Intercultural discourse and communication: the essential readings**. Malden: Blackwell, 2005.

LABOV, W. **Padrões sociolinguísticos**. São Paulo: Parábola Editorial, 2008 [1972].

LABOV, W. William Labov and the origins of sociolinguistics in America. In: **Toward a History of American Linguistics**. E.F.K. Koerner, Routledge, 2002.

LABOV, W. What can be learned about change in progress from synchrony descriptions. In: SANKOFF, D.; CEDERGREN, H. (Ed.). **Variation Omnibus**. Carbondale: Linguistic Research, 1981.

LOPES, N. da S. **Concordância nominal, contexto linguístico e sociedade.** 2001. Tese (Doutorado em Letras e Linguística), Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2001.

LUCCHESI, D.; ARAÚJO, S. **A teoria da variação linguística.** Projeto Vertentes, v. 2, 2016. Disponível em: <<http://www.vertentes.ufba.br/a-teoria-da-variacao-linguistica>>. Acesso em: 10 de jan. 2015.

MEYERHOFF, M. **Introducing Sociolinguistics.** New York: Routledge, 2006.

OLIVEIRA, U. L. **A estrutura sintática da frase.** São Paulo: Selinunte, 1988.

OLIVEIRA E SILVA, G. M. de O. Coleta de dados. In: MOLLICA, M.C.; BRAGA, M. L. (Org.) **Introdução à Sociolinguística: o tratamento da variação.** São Paulo: Contexto, 2003.

PAIVA, M. C. Sexo. In: **Introdução à sociolinguística variacionista.** Rio de Janeiro: Cadernos Didáticos UFRJ, 1992.

PAIVA, M. C.; DUARTE, M. E. L. A mudança linguística em curso. In: **Mudança linguística em tempo real.** Rio de Janeiro: Contracapa Livraria, 2003.

PINHEIRO, L. R. **A concordância nominal no português de Belo Horizonte,** 2012. Dissertação (Mestrado em Letras), Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2012.

PONTE, V. M. L. **A concordância nominal de uma comunidade de Porto Alegre,** 1979. Dissertação (Mestrado em Linguística), PUC, Rio Grande do Sul, 1979.

PRETI D. (Org). **O discurso oral culto.** 2 ed. São Paulo: Humanitas Publicações - FFLCH/USP, 1999, (Projetos Paralelos. V. 2) p. 224.

SALGADO, S. S. et al. **Concordância de número nos predicativos adjetivos e particípios passivos do português falado em Maceió:** um estudo variacionista. Disponível em:
<<http://www.enapet.ufsc.br/anais/>>. Acesso em 20 de Jun. 2014.

SAUSSURE, F. **Curso de linguística geral.** São Paulo: Cultrix, 2006.

SCHERRE, M. M. P. Aspectos da concordância de número no português do Brasil. **Revista Internacional de Língua Portuguesa Norma e Variação do Português.** p. 37-49. 1994.

SCHERRE, M. M. P. Sobre a influência de três variáveis relacionadas na concordância nominal em Português. In: SILVA, G. M. de O.; SCHERRE, M. M. P. (Org.). **Padrões sociolinguísticos:** análise de fenômenos variáveis do português falado na cidade do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: UFRJ, 1996.

SCHERRE, M. M. P. **A regra de concordância de número no sintagma nominal em português.** 1978. Dissertação (Mestrado em Linguística), Faculdade de Letras, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, PUC/RJ, Rio de Janeiro, 1978.

SCHERRE, M. M. P. **Reanálise da Concordância nominal em português.** 1988. Tese (Doutorado em Letras), Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro - UFRJ, Rio de Janeiro, 1988.

SEDRINS, A. P.; SIQUEIRA, A. L. S.; ARAÚJO, R. L. A variação na concordância nominal de número na língua falada no Sertão pernambucano. In: SEDRINS, A. P.; SÁ E. J. (Org.). **Aspectos descriptivos e sócio-históricos da língua falada em Pernambuco.** Recife: Editora da UFRPE, 2015.

SEVERO, C.G. **A comunidade de fala na sociolinguística laboviana:** algumas reflexões. Concórdia, Santa Catarina, Universidade do Contestado, número 9, 2008.

SILVA, F. G. **Alagoanos em São Paulo e a concordância nominal de número.** 2014. Dissertação (Mestrado em Linguística), Universidade de São Paulo, São Paulo, 2014.

TRUDGILL, P. The subject matter of sociolinguistics. In: AMMON, U. et al (ed.). **Sociolinguistics: an international handbook of the science of language and society.** Berlin: Walter de Gruyter GmbH, 2014.

WEINREICH, U.; LABOV, W.; HERZOG, M. **Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança linguística.** São Paulo: Parábola, 2006.

ÍNDICE REMISSIVO

- Adaptação Flexional: 11, 12.
- Bilinguismo: 35, 36.
- Classe gramatical: 13, 14, 16, 17, 20, 23, 24, 25, 28, 44, 45, 46, 51, 54, 56, 63, 65, 80, 82, 84, 92, 94, 96.
- Concordância nominal: 11, 13, 16, 21, 24, 41, 44, 50, 51, 62, 63, 67, 70, 72, 73, 75, 76, 77, 80, 85, 87, 89, 90, 92, 93, 94, 97, 99, 100, 101.
- Cultura: 9, 30, 31, 43.
- Dialectologia: 31, 34.
- Ensino: 9, 19, 22, 24, 26, 44, 52, 59, 60, 67, 68, 69, 76, 86, 87, 94, 95.
- Escolarização: 18, 20, 21, 42, 50, 52, 67, 68, 93.
- Fenômeno linguístico: 14, 15, 16, 17, 26, 38, 41, 46, 48, 52, 53, 63, 68, 70.
- Identidade: 9, 47, 97.
- Língua falada: 9, 11, 15, 16, 17, 23, 24, 26, 38, 48, 52, 57, 63, 64, 76, 80, 85, 95, 100.
- Morfema de plural: 12, 14, 16, 18, 21, 24, 26, 29, 45, 50, 52, 53, 55, 57, 62, 66, 70, 72, 75, 81, 83, 86, 89, 91, 92, 94.
- Multilinguismo: 32, 35.
- Sintagma nominal: 9, 11, 12, 13, 14, 37, 48, 92, 97, 100.
- Sociolinguística: 9, 12, 16, 30, 31, 32, 33, 36, 40, 49, 63, 64, 97, 98, 99, 101.
- Variação linguística: 9, 10, 20, 33, 37, 41, 92, 97, 99.

Considerando que a língua é o reflexo da sociedade que a fala, e que se constrói nas relações sociais e nas práticas comunicativas, sendo sensível às transformações culturais e às particularidades de cada comunidade de fala, desenvolveu-se este livro, pois ao analisar a concordância de número no sintagma nominal na fala de Maceió, buscou-se compreender como o uso linguístico maceioense traduz aspectos da identidade e do pertencimento social dos falantes da capital alagoana.

A pesquisa, baseada na Sociolinguística Variacionista, parte do princípio de que a variação é inerente à língua e de que, ao observarmos o falar de um grupo, observamos também a sua história, seus valores e suas formas de se reconhecer como comunidade. A concordância nominal é tratada aqui não como um desvio da norma, mas como uma manifestação legítima das escolhas que os falantes fazem ao construir sentido. No falar de Maceió, essas escolhas se expressam com singularidade no uso da concordância nominal, conforme o contexto e o perfil social de quem a fala.

A investigação que deu origem a este livro foi realizada com base em amostras de fala de maceioenses de diferentes faixas etárias, níveis de escolaridade e sexos, o que permitiu observar como fatores linguísticos e extralingüísticos se correlacionam na configuração das variantes de concordância. A análise revelou que a língua falada na capital alagoana apresenta padrões próprios, distintos dos observados em outras cidades brasileiras.

